

O Aspecto Migratório da Região Sudeste: Um Estudo da Situação Sócio-Econômica da População Migrante e Natural Segundo Características de Áreas

AÍDA LAURA FERREIRA DE FREITAS
CÉLIA DIOGO ALVES DA COSTA
MARCIA COELHO DE SEGADAS VIANNA
VÂNIA SPERANZA MONTEIRO *
Geógrafas do IBGE

1. INTRODUÇÃO

A Região Sudeste tem sido foco de vários estudos no campo das migrações internas no Brasil. Este interesse reside no fato de ser a Região de maior atração migratória do País, em função do seu mais alto nível sócio-econômico. Inerente a este fato, ressaltam-se desigualdades regionais de desenvolvimento que se refletem na estruturação de seu espaço, bem como na composição e distribuição de sua população.

Seu espaço se encontra organizado, a grosso modo, em função da presença de duas grandes metrópoles nacionais, Rio de Janeiro e São Paulo, que se constituem em pólo dinâmico comandando uma área de maior crescimento econômico. Opondo-se a esta, destaca-se um espaço menos dinâmico representado principalmente pelo Estado do Espírito Santo e quase a totalidade do de Minas Gerais.

A presença de tais diferenciações relacionadas ao nível de desenvolvimento indica o grau de complexidade da Região, justificando, assim, a retomada do estudo do tema migrações no Sudeste.

Neste trabalho o objetivo é fornecer um diagnóstico do posicionamento sócio-econômico da população migrante e natural, através de indicadores como o nível de rendimento e escolaridade, procurando-se

* Agradecimentos aos sociólogos Mary Garcia Castro e George Martine, geógrafas Maristela de Azevedo Brito e Olga Maria Schild Becker, e a estatística Maria das Graças de Oliveira Nascimento pela orientação dada para a realização deste trabalho, salientando nossa inteira responsabilidade pelas possíveis imperfeições do mesmo.

descobrir eventuais vantagens de algum dos grupos populacionais, tendo-se como variável de controle o tempo de residência dos migrantes no lugar de destino.

Estudos realizados até então tratam deste assunto a um nível de agregação maior, ora a nível de regiões censitárias (9) ora a nível de regiões metropolitanas (5), exceto "Estudo comparativo das características das populações migrantes e nativa da Região Sudeste" (6A), em que foram analisadas as 111 microrregiões do Sudeste.

Neste, assume-se também a microrregião homogênea como nível de agregação geográfica, procedendo-se, porém, à seleção daquelas que apresentavam, em 1970, um estoque expressivo de migrantes.

Parte-se também para uma nova abordagem em que são valorizadas as diferenciações espaciais. Acredita-se que tanto a intensidade das migrações quanto o posicionamento das populações analisadas estejam intimamente relacionados com a estrutura de produção da área. Assim, é de se supor que sejam observadas significativas diferenças na comparação do posicionamento sócio-econômico das populações migrante e natural, interestruturas e mesmo intra-estruturas, conforme o estágio de desenvolvimento apresentado pelas microrregiões componentes.

Há, contudo, a acrescentar que, como se lançou mão de um arquivo de informações sobre migrações preexistentes, as comparações entre migrantes e naturais podem estar sendo afetadas pela ausência de variáveis de controle, como sexo e idade.

1.1. As Migrações Internas no Sudeste: Algumas Características

Antes de iniciar a análise a que se propõe o trabalho, procura-se, nesta parte, identificar algumas dimensões e características próprias do fenômeno migratório no Sudeste.

Segundo resultados do Censo Demográfico de 1970, a Região Sudeste apresentava um estoque de migrantes superior a quatorze milhões de pessoas (14.052.783), considerando-se o conceito de lugar de nascimento, e quase quatorze milhões e meio (14.475.110), segundo o conceito de município anterior de residência.

Os deslocamentos intra-regionais representavam 77,9% e 82,9%, respectivamente, pelo primeiro e segundo conceito de migrante, e os inter-regionais 22,1% e 17,1%.

A maior expressividade quantitativa dos movimentos intra-regionais supõe-se decorrerem das diferenças de oportunidade prevalentes em seus diferentes espaços. Soma-se ainda a forte influência de fatores estruturais tais como: mudanças ou estagnação de atividades econômicas, entre outros. Todos esses fatores de fundo econômico impelem grupos a se porem em movimento. Assim, se num determinado espaço a mecanização da agricultura reduz a sua demanda por mão-de-obra, os desempregados tem que migrar para outra área em busca de meios de vida. Por outro lado, a própria substituição do tipo de atividade predominante — lavoura dando lugar as pastagens — também impele grandes massas de população a migrar, na medida em que a atividade criatória requer um número reduzido de mão-de-obra.

Há ainda a destacar o papel da ampla rede de transporte regional que, embora não se constitua num estímulo às migrações, facilita e amplia a possibilidade de mudanças geográficas.

Dois fatores sobressaem nítidos nas migrações intra-regionais: Minas Gerais e Espírito Santo são dois estados predominantemente expulsores e o Rio de Janeiro e São Paulo são eminentemente receptores. Observa-se que os dois últimos estados citados apresentam saldos positivos sobre o movimento geral de entradas e saídas, enquanto os dois primeiros possuem situação inversa.

Outra característica muito importante nas migrações intra-regionais é a grande participação dos deslocamentos de um município para outro dentro do mesmo estado. Constata-se que no total de migrantes intra-regionais¹, 75,3% deslocaram-se dentro do mesmo estado pelo conceito de lugar de nascimento e 80,8% pelo conceito de residência anterior, o restante foram trocas interestaduais da Região.

Quanto às trocas interestaduais, a mais importante é representada pelas saídas de Minas Gerais, quer para o Rio de Janeiro quer para São Paulo, sendo que para o último é cerca de duas vezes maior do que para o primeiro. Em segundo lugar aparecem as saídas do Espírito Santo, sendo o Estado do Rio de Janeiro o principal recebedor.

As migrações inter-regionais, como se observou anteriormente, tiveram uma participação bem pequena para o volume das migrações no Sudeste. Contudo, a magnitude desse fluxo populacional em 1970 era de mais de três milhões de pessoas (3.098.612), pelo primeiro conceito citado, e em pouco mais de dois milhões e meio (2.541.790) de pessoas, pelo segundo. Essa diferença verificada entre os dois conceitos, de 556.822 migrantes, maior para o de lugar de nascimento, significa que esses se tornaram migrantes intra-regionais, deslocando-se posteriormente dentro do estado após sua entrada.

As causas para esses deslocamentos vinculam-se ao desenvolvimento desigual da estrutura econômica das regiões brasileiras, bem como por fatores histórico-estruturais. Assim, o Sudeste, por apresentar-se no contexto nacional como a Região mais desenvolvida do País, constituiu-se no principal foco de atração migratória desses fluxos. Seu poder de atrair prende-se a dois pólos principais, representados pelos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Ambos, por se beneficiarem da concentração espacial dos setores mais dinâmicos e mais lucrativos da economia desde 1930, se expandiram, organizando-se como dois pólos de maior dinamismo econômico.

A atração exercida por São Paulo sobre os migrantes inter-regionais é a mais intensa, apresentando, em 1970, um total de 1.845.721 pessoas (segundo o conceito de lugar de nascimento) e 1.486.811 pessoas (segundo o conceito de município anterior de residência), o que correspondia a mais da metade desses fluxos no Sudeste. O Rio de Janeiro absorvia mais 32,3% pelo primeiro conceito acima citado e 33,1% pelo segundo, e os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo os 8,2% e 8,4% restantes, respectivamente, pelos dois conceitos.

O Nordeste é o principal emissor de população para o Sudeste; somente ele contribuiu com 81% e 73,3% do volume total de migrantes inter-regionais. Da corrente nordestina predominaram os deslocamentos de baianos e pernambucanos, que foram responsáveis por mais da metade do fluxo (55,9%).

A Região Sul é a segunda maior emissora, sem, contudo, apresentar magnitude se comparada ao Nordeste, pois apenas 12,3% e 17,9% tiveram como origem um dos estados do Sul.

1 Esses totais foram: 10.954.171 pessoas segundo o conceito de lugar de nascimento e 12.005.206 pessoas segundo o conceito de município anterior de residência.

Do Centro-Oeste e do Norte as correntes imigratórias não apresentaram grande expressividade. Suas participações para o total dos fluxos inter-regionais no Sudeste foram de apenas 3,9% e 2,7%, respectivamente, pelo primeiro conceito e 6,0% e 2,8% pelo segundo.

Quanto à distribuição das correntes inter-regionais, segundo as regiões de origem e estados de destino, verifica-se que mais de 50% dos deslocamentos de nordestinos, sulistas e procedentes do Centro-Oeste se orientaram para São Paulo. O Rio de Janeiro apresenta-se como segunda opção para os nordestinos e sulistas, enquanto que para os nortistas ele foi o principal destino. Minas Gerais foi o segundo em destino de provenientes do Centro-Oeste, sendo esta a sua mais importante corrente. Para o Espírito Santo imigrou um contingente bastante reduzido de todas as regiões.

No que se refere ao tipo de fluxo, em síntese, observa-se que os mais representativos tiveram o sentido das cidades. Os deslocamentos urbano-urbano representaram 62% e os rurais-urbanos 20,5% do total de fluxos migratórios no Sudeste.

Uma observação deve ser feita quanto aos deslocamentos de origem rural e destino urbano. Como na decomposição dos fluxos por domicílio de origem e destino só se pode utilizar o conceito de residência anterior, é possível que esse tipo de fluxo esteja subestimado. Ao considerar-se o último deslocamento, são enquadrados como migrante urbano-urbanos uma grande parcela de migrantes nascidos no meio rural.

Quanto aos deslocamentos de destino rural, os mais expressivos tiveram origem no meio rural, apresentando 13,2%, já os de origem urbana representaram apenas 4,5% do total de fluxos no Sudeste.

A importância dos deslocamentos cidade-cidade vem mostrar, de um lado, que os centros urbanos nem sempre oferecem condições satisfatórias de absorver migrantes e, de outro, que é intensa a procura de melhores oportunidades de vida e trabalho em centros mais desenvolvidos.

2. RELAÇÃO ENTRE AS CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS E AS MIGRAÇÕES SEGUNDO TIPOLOGIA DE ÁREAS

Este capítulo tem por objetivo inicial proceder a uma análise das especificações de cada área encontrada pela tipologia, ou seja: microrregiões componentes, localização espacial, funções econômicas, entre outras. Em um segundo momento, as relacionadas com algumas características da migração, tais como: intensidade, tendência temporal de atração, a fim de fornecer subsídios à análise da situação sócio-econômica da população migrante e natural.

2.1. Área de Estrutura Urbana

O primeiro grupo de áreas a ser analisado, o de estrutura urbana, compreende 12 microrregiões situadas no corredor Grande Rio — Grande São Paulo — Campinas, em Vitória e na região metropolitana de Belo Horizonte (figura 1), correspondendo, de um modo geral, às partes mais movimentadas do relevo da Região (Serra do Mar e serra da Mantiqueira) que, de certa forma, interferem na utilização dos solos da mesma.

ÁREAS DEFINIDAS NA TIPOLOGIA E SELECIONADAS
SEGUNDO O ESTOQUE DE MIGRANTES
REGIÃO SUDESTE, 1970



Esta área se caracteriza pelas altas taxas de densidade demográfica e nível elevado de industrialização, presentes em importantes centros regionais como Campinas e Sorocaba; metrópoles nacionais e regiões metropolitanas. Caracteriza-se também por apresentar algumas microrregiões que se beneficiam de seu potencial turístico, quer sob a forma de balneário (Baixada Santista) quer sob a forma de estância climática (Serrana Fluminense).

A população deste grupo está voltada mais diretamente para as atividades ligadas ao setor terciário, secundário ou a combinação dos dois (sec-terc), sendo notado, de um modo geral, maior proporcionalidade de migrantes do que de naturais nestes setores. Observa-se, porém, duas situações díspares do conjunto: a primeira, verificada na microrregião da Baixada Santista, refere-se a alta proporção de migrantes na PEA (71,6%), representando o mais alto valor do grupo. A segunda diz respeito à maior importância que assumem os naturais na PEA da microrregião Serrana Fluminense (65,8%).

O quadro agrário desta área reflete um estágio de grande organização, tendo, de um lado, a prática da agricultura sob moldes avançados (Campinas, Grande São Paulo) integrando o chamado cinturão verde e, de outro, a valorização crescente da pecuária leiteira (vale

do Paraíba). Surge, porém, na paisagem rural, um problema inerente ao ritmo de crescimento das grandes aglomerações, representado pela presença de inúmeros loteamentos devido ao intenso fracionamento das propriedades. Este fenômeno se verifica principalmente na microrregião Fluminense do Grande Rio e em Campinas.

O sistema rodoviário e ferroviário que alimenta as microrregiões de estrutura urbana é tido como o mais desenvolvido da Região e do País, sustentando, assim, intensa vida de relações entre os centros dinâmicos que compõem o grupo.

Os espaços microrregionais da área em estudo apresentam grande expressão quanto ao contingente migratório e também, como já mencionado, grande desenvolvimento sócio-econômico. Constata-se tal fato quando se observa que o menor estoque de migrantes da área representa um valor bem significativo (86.803), sendo encontrado na microrregião Serrana Fluminense, regionalmente importante pelo seu potencial turístico. O maior estoque é verificado na Grande São Paulo (4.000.000), cujo grau de desenvolvimento reflete sua importância como metrópole nacional e grande centro receptor de migrantes (tabela 1).

A um maior nível de detalhamento é importante assinalar que a proporção de migrantes com 11 anos e mais de residência, nesta área, representa o dobro da proporção dos migrantes com menos de 2 anos. Esta observação nos levaria a considerar que a migração antiga seria a mais representativa, podendo indicar, de um lado, que a área teria como característica um forte potencial de fixação de migrantes e, por outro, que as motivações para o deslocamento ainda persistiam. A situação geral do grupo de microrregiões de estrutura urbana é a exposta acima, havendo, porém, alguns casos que merecem ser destacados, pois se desviam do padrão apresentado. Cita-se, primeiramente, como exemplo a microrregião do Rio de Janeiro que apresenta uma grande defasagem de valores, tanto absolutos quanto relativos², nos dois períodos considerados; a microrregião de Vitória onde os valores absolutos e percentuais de migrantes antigos (46.104 — 26,4%), além de serem baixos, se aproximam dos correspondentes aos migrantes recentes (37.407 — 21,4%). No caso desta microrregião, o motivo para o significativo afluxo de migrantes no período de 1968/70 deve ter sido o impulso recebido pelo setor secundário. Ainda para exemplificar situações particulares desta área, cita-se o comportamento das microrregiões do Estado do Rio de Janeiro que, de um modo geral, apresentam baixos percentuais de migrantes recentes (não ultrapassam a 15%).

2.2. Área de Estrutura Mista

A área de estrutura mista é composta por um grupo de 10 microrregiões que representam 16,7% do total das três áreas analisadas. Distribuem-se com igual número em dois estados da Região, São Paulo e Minas Gerais, sendo que se dispõem nas porções periféricas da área de estrutura urbana (figura 1). Em Minas Gerais estão espacialmente concentradas ao redor da região metropolitana de Belo Horizonte, à exceção de Juiz de Fora e Uberaba, que se afastam da Região citada. Em São Paulo também se localizam junto aos espaços mais desenvolvidos, sendo que se dispõem na forma de um corredor sul-norte, equi-

² 924.325 correspondendo a 60% de migrantes antigos (11 anos e mais), 171.491 correspondendo a 11% de migrantes recentes (menos de 2 anos).

TABELA 1

Microrregiões hierarquizadas segundo o estoque de migrantes, sendo referida a tendência temporal das migrações e a participação de migrantes e naturais na PEA

(Continua)

N.º	MICRORREGIÕES	ES-TADO	ESTOQUE DE MI-GRAN- TES 1970	MIGRANTES COM MENOS DE 2 ANOS		MIGRANTES COM 11 ANOS E MAIS		PARTICIPAÇÃO DE MIGRANTES E NATURAIS NA PEA	
				Absoluto	%	Absoluto	%	Mi- grantes	Naturais
32	Mata de Ponte Nova	MG	40 996	6 640	16,2	19 332	47,2	26,1	73,9
38	Mojiana Mineira	MG	41 443	7 789	18,8	17 234	41,6	29,0	71,0
46	Alta Mantiqueira	MG	42 615	6 602	15,5	19 557	45,9	24,3	75,7
102	Bragança Paulista	SP	42 887	11 471	26,7	14 875	34,7	36,7	63,3
29	Bacia do Manhuaçu	MG	43 648	4 697	10,7	26 288	60,2	27,1	72,9
22	Uberaba	MG	45 698	8 359	18,3	17 865	39,1	37,8	62,2
47	Alto São Mateus	ES	46 270	5 301	11,4	20 066	43,4	89,1	10,9
21	Pontal do Triângulo Mineiro	MG	48 058	16 099	33,5	8 396	17,5	42,2	57,8
31	Espinhaço Meridional	MG	48 700	8 491	17,4	19 240	39,5	24,8	75,2
90	Jaú	SP	49 023	8 175	16,7	22 645	46,2	37,5	62,5
53	Cachoeiro do Itape- mirim	ES	49 367	7 041	14,3	24 376	49,4	30,9	69,1
39	Campos da Manti- queira	MG	51 284	9 889	19,3	21 614	42,1	24,6	75,4
70	Alta Araraquarense de Votuporanga	SP	51 816	9 177	17,7	21 587	41,7	77,8	22,2
28	Mata de Caratinga	MG	54 178	8 980	16,6	26 806	49,5	31,7	69,3
104	Campos de Itapeti- ninga	SP	54 267	11 774	21,7	21 061	38,8	34,0	66,0
30	Divinópolis	MG	55 308	9 979	18,0	21 792	39,4	37,6	62,4
4	Chapadões do Para- catu	MG	56 999	13 570	23,8	14 768	25,9	37,2	62,8
13	Pastoril de Nanuque	MG	58 660	7 395	12,6	29 173	49,7	48,2	51,8
73	Alta Mojiana	SP	59 209	11 643	19,6	27 025	45,6	50,9	49,1
98	Açucareira de Pira- cicaba	SP	59 289	8 165	13,8	28 965	48,8	32,2	67,8
74	Planalto de Franca	SP	59 470	11 906	20,0	19 464	32,7	49,5	50,5
88	Encosta Ocidental da Mantiqueira Pau- lista	SP	64 406	11 613	18,0	30 285	47,0	38,3	61,7
6	Montes Claros	MG	65 828	12 150	18,4	23 337	35,4	23,4	76,6
84	Alta Noroeste de Pe- nópolis	SP	67 296	10 812	16,1	31 298	46,5	61,4	38,6
80	Serra de Jaboticabal	SP	69 642	11 746	16,8	32 117	46,1	44,0	56,0
97	Serra de Botucatu	SP	71 698	16 151	22,5	28 905	40,3	42,8	57,2
79	Média Araraquaren- se	SP	71 913	9 724	13,5	37 497	52,1	54,5	45,5
42	Planalto Mineiro	MG	72 505	12 948	17,8	31 140	42,9	25,6	74,4
34	Furnas	MG	78 363	13 744	17,5	30 715	39,2	25,4	74,6
96	Ourinhos	SP	79 118	14 512	18,3	33 197	41,9	53,5	46,5
49	Baixada Espírito-san- tense	ES	81 519	17 018	20,9	25 998	31,9	54,3	45,7
87	Depressão Periférica Setentrional	SP	84 497	15 605	18,5	31 928	37,8	47,9	52,1
95	Alta Sorocabana de Assis	SP	84 827	13 731	16,2	39 700	46,8	63,8	36,2
62	Serrana Fluminense	RJ	86 803	12 782	14,7	41 402	47,7	34,2	65,8

(Conclusão)

N.º	MICRORRE- GIÕES	ES- TADO	ESTO- QUE DE MI- GRAN- TES 1970	MIGRANTES COM MENOS DE 2 ANOS		MIGRANTES COM 11 ANOS E MAIS		PARTICIPAÇÃO DE MIGRANTES E NATURAIS NA PEA	
				Absoluto	%	Absoluto	%	Mi- grantes	Naturais
				19	Governador Valada- res	MG	96 185	14 501	15,1
78	São José do Rio Preto	SP	101 368	16 003	15,8	47 481	46,8	54,7	45,3
44	Juiz de Fora	MG	109 457	15 021	13,7	52 907	48,3	35,1	64,9
101	Jundiá	SP	110 631	18 267	16,5	43 858	39,6	59,2	40,8
86	Araraquara	SP	112 410	17 589	15,6	54 412	48,4	42,9	57,1
14	Uberlândia	MG	117 828	20 826	17,7	48 124	40,8	44,2	55,8
48	Colatina	ES	119 065	16 557	13,9	61 382	51,5	60,3	39,7
27	Siderúrgica	MG	144 287	25 427	17,6	41 047	28,4	47,6	52,4
81	Ribeirão Preto	SP	148 029	23 408	15,8	66 514	44,9	51,9	48,1
89	Alta Paulista	SP	155 759	23 997	15,4	79 079	50,7	73,6	26,4
100	Sorocaba	SP	159 152	25 616	16,1	73 863	46,4	52,1	47,9
61	Vale do Paraíba Fluminense	RJ	161 010	22 170	13,8	77 441	48,1	58,1	41,9
69	Alta Araraquarense de Fernandópolis	SP	168 489	29 038	17,2	63 502	37,7	90,9	9,1
85	Bauru	SP	171 932	25 800	15,0	85 095	49,5	60,5	39,5
51	Vitória	ES	174 583	37 407	21,4	46 104	26,4	60,6	39,4
83	Nova Alta Paulista	SP	185 436	30 101	16,2	81 679	44,0	92,2	7,8
75	Alta Noroeste de Araçatuba	SP	189 306	45 309	23,9	73 589	38,9	77,0	23,0
94	Alta Sorocabana de Presidente Pru- dente	SP	229 511	40 705	17,7	96 200	41,9	23,1	76,9
103	Vale do Paraíba Paulista	SP	261 798	45 396	17,3	110 349	42,1	52,8	47,2
110	Baixada Santista	SP	340 419	60 368	17,7	133 365	39,2	71,6	28,4
92	Campinas	SP	366 000	71 814	19,6	136 214	37,2	60,0	40,0
26	Belo Horizonte	MG	809 624	127 891	15,8	330 946	40,9	68,6	31,4
65	Fluminense do Gran- de Rio	RJ	1 328 316	237 838	17,9	526 551	39,6	68,4	31,6
68	Rio de Janeiro	RJ	1 539 550	171 491	11,1	924 325	60,0	59,4	40,6
106	Grande São Paulo	SP	3 902 939	641 496	16,4	659 540	42,5	68,7	31,3

FONTE: Censo Demográfico de 1970 — IBGE.

valente ao eixo de industrialização que parte de Campinas. Esta localização geográfica próxima a área de estrutura urbana está ligada ao fato de se tratar de uma área de transição onde estão presentes caracteres comuns tanto à área de estrutura urbana quanto à estrutura agrícola.

Na área de estrutura mista se observa certo grau de homogeneidade no tocante à configuração física, já que em grande maioria sobressai o relevo em forma de planalto. Deve-se, contudo, ressaltar o desempenho dos solos que detêm alto teor mineral, principalmente nas microrregiões Siderúrgica e Divinópolis, destacando-se por fornecer matéria-prima (ferro e manganês) às indústrias siderúrgicas que proliferam na área.

A individualidade da área reside no fato de apresentar grande diversidade econômica, onde o setor primário está frequentemente associado ou aos processos de transformação industrial ou às atividades terciárias. Tanto isto é notado que a base da produção agrícola volta-se quer para as lavouras comerciais sujeitas ao processo de beneficiamento (cana-de-açúcar, laranja, algodão) quer para as lavouras rotineiras de gêneros alimentícios consumidos no local. As áreas destinadas aos cultivos e/ou às pastagens têm participação importante, sendo que a tendência geral é a predominância do último caso. A título de exemplo cita-se a microrregião de Uberaba, que se destaca neste particular, pois, além de ter tido a pecuária como elemento responsável por sua ocupação, tornou-se o fator básico de seu desenvolvimento, permitindo o aprimoramento dos rebanhos, presença de pastos plantados e especialização da raça.

Com relação ao setor secundário, duas modalidades de situações ocorrem: a primeira relaciona-se à tendência de algumas micros apresentarem maior dinamismo e complexidade do parque industrial, como o verificado em Ribeirão Preto e Depressão Periférica Setentrional, onde se torna nítido o padrão de continuidade do eixo industrial que parte de Campinas. A segunda diz respeito às microrregiões³ que ostentam na paisagem grandes empresas dedicadas à siderurgia e que mantêm estreita vinculação com a matéria-prima local, ou seja, reservas de ferro e manganês, que se tornaram elementos condicionantes da implantação das referidas indústrias de base.

O contingente populacional do grupo analisado está representado por maior proporção de naturais inseridos nas atividades econômicas que caracterizam a área. É interessante ser destacado que esta situação ocorre preferencialmente nas microrregiões de Minas Gerais. Em São Paulo não há um padrão único, existindo desde a participação equilibrada das duas subpopulações (migrante — natural), caso do Planalto de Franca, até o maior enquadramento da população migrante, em Ribeirão Preto (tabela 1).

O número de migrantes que integra as microrregiões da área de estrutura mista pode ser considerado também como intermediário entre o da estrutura agrícola e o da urbana, já que os valores se situam entre 45.000 e 150.000. Deste conjunto, os migrantes antigos são proporcionalmente mais representativos, embora seja oportuna a observação de que os percentuais não ultrapassam os 40% e que geralmente se aproximam dos valores encontrados para os migrantes recentes.

Pode-se dizer que a área de estrutura mista não apresenta níveis de urbanização tão elevados quanto a área analisada anteriormente. Comporta centros regionais e sub-regionais importantes como Ribeirão Preto, São José dos Campos, Juiz de Fora, Uberaba que, progressivamente, sobem na hierarquia das cidades brasileiras.

2.3. Área de Estrutura Agrícola

O grupo que compõe a área de estrutura agrícola compreende 37 microrregiões, sendo que das três áreas em estudo é a que se vê representada por maior número de componentes, correspondendo a 62,7% do conjunto. Nesta área São Paulo contribui com 18 microrre-

3 Divinópolis, Espinhaço Meridional, Siderúrgica.

giões, Minas Gerais com 14 e o Espírito Santo com 4, sendo que no primeiro dispõem-se de forma contínua na porção centro-oeste, no segundo de forma dispersa, havendo, porém, uma tendência à concentração a leste e a sul, e no terceiro encontram-se principalmente ao norte (figura 1).

A análise intragrupo dos aspectos físicos que caracterizam as microrregiões agrícolas revela nítidas diferenciações espaciais, já que se trata de variadas formas de relevo, quer sejam chapadões, vales ou serras, encontradas, por exemplo, nas microrregiões de Paracatu, Governador Valadares e Alta Mantiqueira, respectivamente.

Na área de estrutura agrícola tem-se como característica o predomínio de microrregiões com baixas taxas de densidade demográfica, sendo a mais afetada pela evasão populacional que se manifesta principalmente nos quadros rurais do sul de Minas Gerais e norte do Espírito Santo.

O conjunto populacional da área em questão tem como padrão dominante a maior proporção de naturais nas atividades do setor primário que representa o suporte produtivo da área. Há, porém, padrões distoantes do apresentado, principalmente nas microrregiões ao norte do Espírito Santo e parte centro-oeste de São Paulo, onde a proporção de migrantes é bem mais significativa. Neste caso, para exemplificar, cita-se os elevados percentuais das microrregiões do Alto São Matheus (89,1%) e Nova Alta Paulista (92,2%) (tabela 1).

Como já mencionado, o quadro agrário desta área está fortemente calcado nas atividades do setor primário caracterizado pela pouca diversificação, sendo que as áreas destinadas à pecuária, em especial a de corte, são as predominantes. Tem-se como importantes zonas de gado as microrregiões de Montes Claros, Pontal do Triângulo Mineiro, Presidente Prudente e Araçatuba, favorecidas por uma série de fatores — proximidade do mercado consumidor, depauperamento dos solos por práticas não conservacionistas, substituição de lavouras decadentes, etc. — que facilitaram a instalação e expansão desta atividade. Ainda se pratica a agricultura sob moldes tradicionais, com baixos índices de mecanização, à exceção das lavouras comerciais do café, amendoim, algodão e arroz encontradas nas microrregiões de Araçatuba e Pontal do Triângulo Mineiro.

O setor secundário, além de incipiente, tem seu crescimento bastante lento, caracterizando-se pelo beneficiamento e transformação da matéria-prima originada do setor primário. A indústria de cítricos em Araraquara e a de óleos comestíveis em Presidente Prudente são dois exemplos da atividade industrial desenvolvida na área.

O volume migratório das microrregiões da área de estrutura agrícola situa-se entre os 40.000 e 80.000 migrantes, o que leva a considerá-lo como o mais baixo das áreas analisadas, cabendo, entretanto, às microrregiões de Minas Gerais e Espírito Santo o registro do menor estoque. As poucas microrregiões agrícolas que possuem acima de 80.000 migrantes são encontradas, em sua maioria, no Estado de São Paulo, sendo que em Minas Gerais apenas Uberlândia tem em sua população mais de 100.000 migrantes, o mesmo acontecendo em Colatina no Espírito Santo (tabela 1).

A maior ocorrência dos migrantes residentes há 11 anos e mais torna este fato comum aos três grupos analisados, cabendo destacar as 9 microrregiões que assim se comportam, já que têm em média per-

centuais superiores a 45% ⁴. Há, porém, casos destoantes do conjunto. Nos chapadões do Paracatu evidencia-se uma situação de igualdade entre os migrantes recentes e os antigos, ou seja, há 14.768 migrantes com 11 anos e mais e 13.570 com menos de 2 anos, correspondendo a 25,9% e 23,8%, respectivamente. Na microrregião do Pontal do Triângulo Mineiro o valor absoluto de migrantes antigos (16.099) é o dobro dos migrantes recentes (8.396), o que em percentual representa, respectivamente, 33,5% e 17,5% (tabela 1).

O processo de ocupação da área de estrutura agrícola foi determinado pela expansão da lavoura cafeeira, principalmente no Espírito Santo e em São Paulo que, se apoiando no desenvolvimento das vias férreas e posteriormente rodovias, condicionou a localização de cidades tais como Bauru, Araraquara, Colatina, que se tornaram importantes centros regionais.

2.4. Considerações Finais

Como observação final, deve-se destacar a validade dos indicadores utilizados na análise, na medida em que atingiram seu objetivo, possibilitando a explicação e entendimento dos padrões de comportamento das populações e as funções básicas dos espaços selecionados.

Sendo assim, pode-se observar quanto à área de estrutura urbana que:

- localiza-se, a grosso modo, nas partes mais movimentadas do relevo da Região;
- é a mais dinâmica das 3 áreas em estudo, sendo a responsável por alta concentração populacional, alto grau de industrialização, em suma, elevado nível de desenvolvimento sócio-econômico;
- das 3 áreas analisadas detém o maior número de migrantes em suas microrregiões componentes, destacando-se, em especial, os mais antigos (11 anos e mais);
- na PEA de suas microrregiões está presente maior proporção de migrantes que de naturais;
- o setor primário é bastante organizado, destacando-se a horticultura desenvolvida basicamente para o abastecimento das regiões metropolitanas.

Quanto à área de estrutura mista:

- é representada por menor número de microrregiões;
- localiza-se na periferia dos centros mais desenvolvidos da Região;
- caracteriza-se por uma grande complexidade econômica, pois tanto o setor secundário quanto o primário são responsáveis pelo dinamismo da área;
- detém microrregiões com valor intermediário quanto ao estoque de migrantes, sendo notado também o predomínio dos de 11 anos e

⁴ Baía do Manuahuçu, Mata de Caratinga, Pastoril de Nanuque em Minas Gerais; Alto São Mateus, Cachoeiro do Itapemirim, Colatina no Espírito Santo e Encosta Ocidental da Mantiqueira Paulista, Média Araraquarense, Alta Paulista em São Paulo.

mais. Nesta área, em cada microrregião, o número de migrantes com até 2 anos se aproxima do de 11 anos e mais;

- tem em sua PEA maior proporção de naturais que de migrantes.

Quanto a área de estrutura agrícola:

- possui o grupo de maior número de microrregiões;
- localiza-se, de um modo geral, de forma dispersa nas porções limites da Região;
- tem a atividade pecuária como base do setor primário;
- apresenta o menor estoque de migrantes das 3 áreas, sendo observado o predomínio dos migrantes na PEA das microrregiões;
- pode ser considerada como área de evasão principalmente rural.

3. SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DA POPULAÇÃO MIGRANTE E NATURAL QUANTO AO NÍVEL DE RENDA E EDUCAÇÃO, SEGUNDO TIPOLOGIA DE ÁREAS

Com o intuito de se observar a situação sócio-econômica da população migrante e natural nas áreas do Sudeste, desenvolveu-se uma análise da estrutura sócio-econômica destas populações, baseada nos níveis extremos de renda e de educação considerados neste estudo.

Sendo assim, procura-se distinguir, de um lado, um estrato sócio-econômico mais baixo, correspondendo ao exame da população analfabeta e daquela com renda de até Cr\$ 200,00. Por outro lado, tem-se como referência de um nível sócio-econômico mais elevado, entendido assim em relação aos demais níveis componentes do estudo, a população com curso superior completo e aquela com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais.

Na estrutura de rendimento a utilização da classe de renda de até Cr\$ 200,00 é justificada por consistir em uma medida de aproximação do salário mínimo vigente em 1970.⁵ Este pode ser considerado, embora sob questionamento, como um indicador na definição do nível de subsistência da força de trabalho (11). Apesar da limitação, pelo fato de se constituir em uma classe de renda aberta, a faixa de Cr\$ 1.001,00 e mais será utilizada como base por ser o intervalo mais elevado de renda, constante do arquivo de migrações da SUEGE/IBGE, disponível para este estudo.

Na estrutura educacional analisa-se a população analfabeta e aquela com curso superior completo por serem os níveis de instrução extremos e, por conseguinte, representativos de estratos educacionais marcantes e diferenciados.

Deste modo, a análise realiza-se comparando o posicionamento dos migrantes, sem especificação do tempo de residência, e naturais, e a seguir entre os migrantes, relacionando-os com até 10 anos e aqueles mais antigos com 11 anos e mais de residência, nos estratos sócio-econômicos já discriminados, em áreas de estruturas urbanas, mista e agrícola.

5 O salário mínimo regional que vigorou, nos municípios núcleos do Rio de Janeiro e de São Paulo, a partir de 1.º de setembro de 1970 era de Cr\$ 187,20, sendo de Cr\$ 144,00 no município núcleo de Belo Horizonte, como consta no Anuário Estatístico do IBGE de 1972.

3.1. Estrutura Urbana

Na área da estrutura urbana observa-se certa similaridade de comportamento entre estes dois estratos de população na análise da população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00 e naquela da população com superior completo e com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais.

Sendo assim, destacam-se as seguintes tendências: os migrantes encontram-se, de modo geral, em posição mais desfavorável do que os naturais em função de sua maior proporção no exame da população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00 (vide tabelas 2 e 3). Desses migrantes são os com até 10 anos de residência que possuem maior participação no nível sócio-econômico mais baixo. Quando se transfere a análise para a população com superior completo e com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais, destaca-se o predomínio dos migrantes em relação aos naturais, indicando, assim, maior representatividade da população migrante (vide tabelas 2 e 3). São os migrantes mais antigos que apresentam maior expressividade, principalmente quanto ao nível de rendimento, ocorrendo a maior participação dos com até 10 anos de residência ao se considerar o nível educacional.

Após destacar em um quadro geral o posicionamento dos migrantes e naturais na área de estrutura urbana, discrimina-se a análise quanto aos níveis de rendimento e educacional com o objetivo de maior especificação dos padrões dos indivíduos nas áreas. Deste modo, analisando-se as microrregiões com estrutura de atividade urbana, verifica-se, em geral, que os naturais encontram-se melhor posicionados, uma vez que apresentam menor proporção de população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00. Tal fato ocorre principalmente onde existe maior estoque de migrantes deste grupo como Grande São Paulo, Rio de Janeiro, Fluminense do Grande Rio, Belo Horizonte, Campinas, Baixada Santista (vide tabelas 2 e 3). Nas demais microrregiões de estrutura urbana, mas com menor estoque de migrantes, observa-se, de modo geral, uma inversão de comportamento, pois os migrantes acham-se melhor posicionados que a população natural, a saber: Vale do Paraíba Paulista, Sorocaba, Serrana Fluminense, sobretudo nesta última onde são naturais 77,6% dos analfabetos e 70,2% daqueles que possuem renda de até Cr\$ 200,00.

Considerando somente a população migrante, são os com até 10 anos de residência que têm, de modo geral, maior participação de analfabetos e população com renda de até Cr\$ 200,00, indicando uma situação mais desfavorável. As microrregiões de Grande São Paulo, Campinas, Baixada Santista, Vitória e Belo Horizonte são áreas que, em si, concentram a maior proporção dos migrantes com até 10 anos, significando que se constituem em áreas de maior concentração de baixa renda e de analfabetismo da população migrante (vide tabelas 2 e 3). Deste modo, observa-se que correspondem a áreas de maior desenvolvimento econômico de seus estados e, respectivamente, de maior concentração de renda. A maior participação desses migrantes nestas áreas pode ser talvez função do próprio desenvolvimento econômico que, de certa forma, tende a dificultar um melhor posicionamento sócio-econômico desta população que a elas se dirige, favorecendo à população natural e aos migrantes mais antigos. Tal fato constatado nesta análise pode ser melhor situado quando do confronto com resultados obtidos no trabalho sobre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro de Celso Simões, Mary Castro e Zuleica Cavalcanti (4) onde se observou, em linhas gerais, que "a hipótese central do trabalho, de que os diferenciais entre migrantes e não migrantes guardam uma relação direta com o tipo de local de residência e seu grau de desenvolvimento, é comprovada

TABELA 2

Níveis de educação da população migrante e natural — região sudeste

(Continua)

N.º	MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	POPULAÇÃO ANALFABETA								POPULAÇÃO COM SUPERIOR COMPLETO							
		Total (100%)	Migrantes até 10 anos		Migrantes com 11 anos e mais		Naturais		Total (100%)	Migrantes até 10 anos		Migrantes com 11 anos e mais		Naturais			
			Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%		Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%		
URBANA	106 Grande São Paulo	1 259 066	455 055	36,1	318 597	25,3	485 414	38,6	111 753	28 911	25,9	40 458	36,2	42 384	37,9		
	68 Rio de Janeiro	549 302	127 913	23,2	169 445	30,9	251 944	45,9	114 551	16 845	14,7	45 845	40,0	51 861	45,3		
	65 Fluminense do Grande Rio	570 105	191 449	33,5	101 537	17,9	277 119	48,6	14 900	3 989	26,8	6 499	43,6	4 412	29,6		
	26 Belo Horizonte	318 446	109 470	34,3	50 253	15,8	158 723	49,9	21 824	5 465	25,0	10 558	48,4	5 801	26,6		
	92 Campinas	128 410	43 729	34,0	26 079	20,3	58 602	45,7	9 031	3 711	41,1	2 723	30,1	2 597	28,8		
	110 Baixada Santista	106 120	43 127	40,7	27 907	26,3	35 086	33,0	6 969	2 644	38,0	2 085	29,9	2 240	32,1		
	103 Vale do Paraíba Paulista	141 922	30 335	21,4	24 621	17,3	86 966	61,3	5 688	2 417	42,5	1 631	28,7	1 640	28,8		
	51 Vitória	80 370	29 958	37,3	8 231	10,2	42 181	52,5	3 845	1 179	30,7	1 339	34,8	1 327	34,5		
	61 Vale do Paraíba Fluminense	86 109	18 350	21,3	15 096	17,6	52 663	61,1	2 266	1 110	49,0	752	33,2	404	17,8		
	100 Sorocaba	70 956	17 752	25,0	16 262	23,0	36 942	52,0	2 256	728	32,3	661	29,3	867	38,4		
MISTA	101 Jundiaí	42 953	14 212	33,0	9 831	23,0	18 910	44,0	1 566	627	40,0	459	29,3	480	30,7		
	62 Serrana Fluminense	83 820	9 647	11,5	9 112	10,9	65 061	77,6	3 115	1 262	40,5	1 096	35,2	757	24,3		
	81 Ribeirão Preto	72 094	17 015	23,6	16 857	23,4	38 222	53,0	3 375	1 070	31,7	1 234	36,6	1 071	31,7		
	27 Siderúrgica	126 491	27 002	21,4	10 594	8,4	88 895	70,2	1 153	876	76,0	132	11,4	145	12,6		
	44 Juiz de Fora	98 781	11 206	11,3	9 618	9,7	77 957	79,0	3 100	700	22,6	1 191	38,4	1 209	39,0		
	78 São José do Rio Preto	51 745	11 589	22,4	14 371	27,8	25 785	49,8	1 858	587	31,6	661	36,6	610	30,8		
	87 Depressão Periférica Setentrional	46 093	11 784	25,6	8 329	18,0	25 980	56,4	1 214	554	45,7	282	23,2	378	31,1		
	74 Planalto de Franca	29 317	9 173	31,3	5 071	17,3	15 073	51,4	999	232	23,2	261	26,1	506	50,7		
	98 Açucareira de Piracicaba	39 219	5 851	14,9	6 621	16,9	26 747	68,2	1 983	636	32,1	428	21,6	919	46,3		
	30 Divinópolis	53 330	8 877	16,6	4 960	9,3	39 493	74,1	560	157	28,0	175	31,3	228	40,7		
AGRÍCOLA	31 Espinhaço Meridional	71 144	7 269	10,2	4 533	6,4	59 342	83,4	687	191	27,8	178	25,9	318	46,3		
	22 Uberaba	36 571	6 998	19,1	4 607	12,6	24 966	68,3	1 143	213	18,6	328	28,7	602	52,7		
	94 Alta Sorocabana de Presidente Prudente	117 518	47 606	40,5	35 248	30,0	34 664	29,5	1 692	624	36,9	735	43,4	333	19,7		
	75 Alta Nor. de Araçatuba	81 647	31 444	38,5	25 235	30,9	24 968	30,6	1 694	861	50,8	556	32,8	277	16,4		
	83 Nova Alta Paulista	77 778	33 876	43,6	26 783	34,4	17 119	22,0	671	424	63,2	234	34,9	13	1,9		
	85 Bauru	81 927	21 319	26,0	26 370	32,2	34 238	41,8	2 866	962	33,6	1 021	35,6	883	30,8		
	69 Alta Araraquense de Fernandópolis	75 997	34 861	45,9	22 705	29,9	18 431	24,2	453	288	63,6	154	34,0	11	2,4		
	89 Alta Paulista	74 447	22 905	30,8	27 398	36,8	24 144	32,4	1 346	425	31,6	631	46,9	290	21,5		
	48 Colatina	120 409	24 408	20,3	26 850	22,3	69 151	57,4	400	192	48,0	94	23,5	114	28,5		
	14 Uberlândia	91 665	20 473	22,3	14 416	15,7	56 776	62,0	1 393	296	21,2	388	27,9	709	50,9		
86 Araraquara	66 500	12 700	19,0	15 873	24,0	37 927	57,0	2 686	744	27,7	884	32,9	1 058	39,4			
19 Governador Valadares	116 473	18 881	16,2	16 357	14,0	81 235	69,8	471	226	48,0	171	36,3	74	15,7			
95 Alta Sorocabana de Assis	46 018	14 256	31,0	12 923	28,0	18 839	41,0	706	274	38,8	256	36,3	176	24,0			
49 Baixada Espírito-santense	89 092	26 390	29,6	11 596	13,0	51.106	57,4	125	77	61,6	22	17,6	26	20,8			
96 Ourinhos	51 014	12 783	25,0	10 944	21,5	27 287	53,5	722	353	48,9	195	27,0	174	24,1			
34 Furnas	118 576	12 241	10,3	9 328	7,9	97 007	81,8	1 479	465	31,4	334	22,6	680	46,0			
42 Planalto Mineiro	116 528	10 788	9,2	9 429	8,1	96 311	82,7	1 470	468	31,8	369	25,1	633	43,1			
79 Média Araraquense	41 447	9 462	22,8	13 546	32,7	18 439	44,5	625	195	31,2	205	32,8	225	36,0			
97 Serra de Botucatu	52 956	11 238	21,3	9 763	18,4	31 955	60,3	1 182	509	43,1	297	25,1	376	31,8			
80 Serra de Jaboticabal	44 066	9 385	21,3	11 007	25,0	23 674	53,7	1 036	247	23,8	289	27,9	500	48,3			
84 Alta Noroeste de Penápolis	38 917	11 612	29,9	12 472	32,0	14 833	38,1	450	143	31,8	134	29,8	173	33,4			
6 Montes Claros	194 010	16 065	8,3	9 227	4,7	168 718	87,0	625	206	33,0	175	28,0	244	39,0			
88 Encosta Ocidental da Mantiqueira Paulista	52 404	10 418	19,9	11 609	22,1	30 377	58,0	1 267	359	28,3	313	24,7	595	47,0			
73 Alta Mojiana	35 237	7 662	21,7	8 965	25,4	18 610	52,9	618	174	28,2	115	18,6	329	53,2			
13 Pastoril de Nanuque	102 743	14 313	13,9	17 715	17,2	70 715	68,9	138	73	52,9	65	47,1	—	—			
4 Chapadões do Paracatu	91 924	17 377	18,9	6 473	7,0	68 084	74,1	154	94	61,0	11	7,2	49	31,8			
104 Campos de Itapetininga	57 616	8 658	15,0	5 926	10,3	43 032	74,7	616	256	41,6	146	23,7	214	34,7			
28 Mata do Caratinga	108 908	11 567	10,6	12 955	11,9	84 386	77,5	235	86	36,6	61	25,9	88	37,5			
70 Alta Araraquense de Votuporanga	22 614	8 303	36,8	6 928	30,6	7 383	32,6	280	120	42,9	146	52,1	14	5,0			
39 Campos da Mantiqueira	78 128	7 976	10,2	5 627	7,2	64 525	82,6	978	293	30,0	275	28,1	410	41,9			
53 Cachoeiro do Itapemirim	73 386	7 071	9,6	8 567	11,7	57 748	78,7	581	166	28,6	182	31,3	233	40,1			
90 Jaú	37 912	7 221	19,0	7 528	19,9	23 163	61,1	807	248	30,7	194	24,0	365	45,3			
21 Pontal do Triângulo Mineiro	47 038	14 813	31,5	2 820	6,0	29 405	62,5	214	94	43,9	51	23,8	69	32,3			
47 Alto São Mateus	30 965	14 651	47,3	1 189	3,8	15 125	48,9	27	27	100,0	—	—	—	—			
29 Bacia do Manhuaçu	115 095	7 494	6,5	12 877	11,2	94 724	82,3	140	39	27,9	34	24,3	67	47,8			
102 Bragança Paulista	40 907	7 014	17,1	4 751	11,6	29 142	71,3	674	281	41,7	195	28,9	198	29,4			
46 Alta Mantiqueira	72 634	5 622	7,7	5 864	8,1	61 148	84,2	848	275	32,4	247	29,1	326	38,5			
38 Mojiana Mineira	57 537	7 406	12,9	5 894	10,2	44 237	76,9	644	124	19,2	128	19,9	392	60,9			
32 Mata de Ponte Nova	75 411	8 073	10,7	7 351	9,7	59 987	79,6	374	116	31,0	125	33,4	133	35,6			

TABELA 3

Níveis de rendimento da população migrante e natural — região sudeste

N.º	MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	POPULAÇÃO COM RENDA DE ATÉ Cr\$ 200,00								POPULAÇÃO COM RENDA DE Cr\$ 1.001,00							
		Total (100%)	Migrantes até 10 anos		Migrantes com 11 anos e mais		Naturais		Total (100%)	Migrantes até 10 anos		Migrantes com 11 anos e mais		Naturais			
			Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%		Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%		
URBANA	106 Grande São Paulo	788 099	360 534	45,8	190 067	24,1	237 498	30,1	370 243	73 165	19,7	158 669	42,9	138 409	37,4		
	68 Rio de Janeiro	438 491	149 482	34,1	142 960	32,6	146 049	33,3	219 859	28 178	12,8	95 480	43,4	96 201	43,8		
	65 Fluminense do Grande Rio	296 578	108 550	36,6	81 256	27,4	106 772	36,0	33 711	10 899	32,3	14 692	43,6	8 120	24,1		
	26 Belo Horizonte	242 341	100 633	41,5	60 821	25,1	80 887	33,4	41 533	10 489	25,2	20 219	48,7	10 825	26,1		
	92 Campinas	114 934	44 785	39,0	22 526	19,6	47 623	41,4	21 126	6 671	31,6	7 181	34,0	7 274	34,4		
	110 Baixada Santista	66 978	32 288	48,2	18 693	27,9	15 997	23,9	22 403	6 433	28,7	7 948	35,5	8 022	35,8		
	103 Vale do Paraíba Paulista	98 763	25 161	25,5	20 518	20,8	53 084	53,7	12 880	4 873	37,9	4 369	33,9	3 638	28,2		
	51 Vitória	56 251	24 451	43,5	8 829	15,7	22 971	40,8	7 262	2 653	36,6	2 355	32,4	2 254	31,0		
	61 Vale do Paraíba Fluminense	51 741	14 549	28,1	11 351	21,9	25 841	50,0	6 700	1 997	29,8	3 324	49,6	1 379	20,6		
	100 Sorocaba	57 721	15 297	26,5	12 243	21,2	30 181	52,3	5 971	1 734	29,0	2 029	34,0	2 208	37,0		
	101 Jundiaí	34 422	13 315	38,7	7 675	22,3	13 432	39,0	4 959	1 327	26,8	1 574	31,7	2 058	41,5		
62 Serrana Fluminense	63 411	9 320	14,7	9 608	15,1	44 483	70,2	5 470	1 755	32,1	1 782	32,6	1 933	35,3			
MISTA	81 Ribeirão Preto	70 049	19 143	27,3	15 621	22,3	35 285	50,4	6 895	2 076	30,1	2 434	35,3	2 385	34,6		
	27 Siderúrgica	69 660	16 981	24,4	7 807	11,2	44 872	64,4	3 293	1 748	53,1	847	25,7	698	21,2		
	44 Juiz de Fora	80 679	12 266	15,2	11 678	14,5	56 735	70,3	5 551	1 333	24,0	1 958	35,3	2 260	40,7		
	78 São José do Rio Preto	45 130	11 883	26,3	11 391	25,2	21 856	48,5	4 728	1 409	29,8	1 917	40,6	1 402	29,6		
	87 Depressão Periférica Setentrional	43 903	12 931	29,5	7 922	18,0	23 050	52,5	2 958	1 010	34,1	740	25,0	1 208	40,9		
	74 Planalto de Franca	31 305	9 775	31,2	5 536	17,7	15 994	51,1	1 993	513	25,7	582	29,2	898	45,1		
	98 Açucareira de Piracicaba	41 001	6 153	15,0	5 873	14,3	28 975	70,7	4 232	954	22,5	1 003	23,7	2 275	53,8		
	30 Divinópolis	38 428	7 398	19,3	5 582	14,5	25 448	66,2	1 495	411	27,5	464	31,0	620	41,5		
	31 Espinhaço Meridional	47 668	5 420	11,4	4 236	8,9	38 012	79,7	1 469	381	25,9	321	21,9	767	52,2		
	22 Uberaba	33 489	7 050	21,1	5 027	15,0	21 412	63,9	2 276	421	18,5	634	27,8	1 221	53,7		
	AGRÍCOLA	94 Alta Sorocabana de Presidente Prudente	66 323	27 140	40,9	23 752	35,8	15 431	23,3	5 063	1 643	32,4	2 590	51,2	830	16,4	
75 Alta Noroeste de Araçatuba		52 141	19 756	37,9	18 322	35,1	14 063	27,0	5 186	2 268	43,7	2 152	41,5	766	14,8		
83 Nova Alta Paulista		46 611	22 077	47,4	19 787	42,4	4 747	10,2	2 628	1 017	38,7	1 567	59,6	44	1,7		
85 Bauru		68 274	18 007	26,4	21 588	31,6	28 679	42,0	6 319	1 898	30,0	2 657	42,1	1 764	27,9		
69 Alta Araraquarense de Fernandópolis		43 648	22 560	51,7	16 453	37,7	4 635	10,6	1 758	802	45,6	872	49,6	84	4,8		
89 Alta Paulista		59 935	19 464	32,5	22 933	38,3	17 538	29,2	4 355	1 197	27,5	2 610	59,9	548	12,6		
48 Colatina		56 853	13 480	23,7	19 804	34,8	23 569	41,5	1 218	287	23,6	582	47,8	349	28,6		
14 Uberlândia		74 330	17 968	24,2	14 908	20,0	41 454	55,8	4 901	1 033	21,1	1 383	28,2	2 485	50,7		
86 Araraquara		64 297	12 917	20,1	13 427	20,9	37 953	59,0	5 456	1 235	22,6	1 843	33,8	2 378	43,6		
19 Governador Valadares		59 432	12 468	21,0	12 855	21,6	34 109	57,4	2 312	818	35,4	1 065	46,1	429	18,5		
95 Alta Sorocabana de Assis		34 205	10 613	31,0	10 888	31,8	12 704	37,2	1 746	461	26,4	848	48,6	437	25,0		
49 Baixada Espírito-santense		44 146	14 065	31,9	9 391	21,2	20 690	46,9	469	197	42,0	148	31,6	124	26,4		
96 Ourinhos		37 887	10 163	26,8	8 852	23,4	18 872	49,8	2 293	709	30,9	803	35,0	781	34,1		
34 Furnas		92 467	10 862	11,7	9 431	10,2	72 174	78,1	3 332	785	23,6	797	23,9	1 750	52,5		
42 Planalto Mineiro		79 583	8 357	10,5	8 652	10,9	62 574	78,6	3 036	841	27,7	721	23,7	1 474	48,6		
79 Média Araraquarense		39 886	9 432	23,6	11 855	29,7	18 599	46,7	1 609	338	21,0	667	41,5	604	37,5		
97 Serra de Botucatu		43 568	9 548	21,9	8 051	18,5	25 969	59,6	2 870	916	31,9	812	28,3	1 142	39,8		
80 Serra de Jaboticabal		43 560	10 195	23,4	8 874	20,4	24 491	56,2	2 360	456	19,3	767	32,5	1 137	48,2		
84 Alta Noroeste de Penápolis		29 075	8 357	28,7	9 129	31,4	11 589	39,9	1 478	402	27,2	631	42,7	445	20,1		
6 Montes Claros		92 580	10 513	11,4	7 439	8,0	74 628	80,6	1 924	526	27,3	614	31,9	784	40,8		
88 Encosta Ocidental da Mantiqueira Paulista		47 237	8 946	18,9	9 336	19,8	28 955	61,3	2 698	518	19,2	700	26,0	1 480	54,8		
73 Alta Mojiana		35 070	8 356	23,8	9 259	26,4	17 455	49,8	1 674	420	25,1	520	31,0	734	43,9		
13 Pastoril de Nanuque		40 587	7 065	17,4	10 803	26,6	22 710	56,0	807	274	33,9	405	50,2	128	15,9		
4 Chapadões do Paracatu		46 716	11 021	23,6	5 277	11,3	30 418	65,1	811	294	36,2	140	17,3	377	46,5		
104 Campos de Itapetininga		36 731	6 070	16,5	4 752	12,9	25 900	70,6	1 954	644	33,0	464	23,7	846	43,3		
28 Mata de Caratinga		53 674	6 388	11,9	9 910	18,5	37 376	69,6	684	177	25,9	221	32,3	286	41,8		
70 Alta Araraquarense de Votuporanga		17 845	7 404	41,5	5 913	33,1	4 528	25,4	837	299	35,7	477	57,0	61	7,3		
39 Campos da Mantiqueira	53 458	5 547	10,4	5 249	9,8	42 662	79,8	1 697	449	26,5	474	27,9	774	45,6			
53 Cachoeiro do Itapemirim	48 372	5 992	12,4	7 636	15,8	34 744	71,8	1 223	261	21,3	386	31,6	576	47,1			
90 Jaú	36 574	6 745	18,4	6 390	17,5	23 439	64,1	1 871	405	21,7	511	27,3	955	51,0			
21 Pontal do Triângulo Mineiro	32 989	10 586	32,1	3 114	9,4	19 289	58,5	1 248	280	22,4	173	13,9	795	63,7			
47 Alto São Mateus	15 862	6 902	43,5	7 040	44,4	1 920	12,1	189	79	41,8	103	54,5	7	3,7			
29 Bacia do Manhuaçu	56 404	4 377	7,8	9 956	17,6	42 071	74,6	532	105	19,7	195	36,7	232	43,6			
102 Bragança Paulista	32 601	5 462	16,8	4 109	12,6	23 030	70,6	2 077	845	40,7	495	23,8	737	35,5			
46 Alta Mantiqueira	47 026	4 504	9,6	5 130	10,9	37 392	79,5	1 821	447	24,6	450	24,7	924	50,7			
38 Mojiana Mineira	41 821	6 061	14,5	5 623	13,5	30 137	72,0	1 361	225	16,5	321	23,6	815	59,9			
32 Mata de Ponte Nova	50 309	5 209	10,3	7 136	14,2	37 964	75,5	959	187	19,5	313	32,6	459	47,9			

para o caso dos municípios de maior desenvolvimento — diferenciais maiores entre as duas subpopulações e para os de menor grau de desenvolvimento — diferenciais menores ou favoráveis aos migrantes, geralmente”.

Analisando-se o comportamento dos migrantes e naturais em relação à população com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais e com superior completo, verifica-se a supremacia dos migrantes, visto que se encontram em maior proporção do que a população natural. Esta situação de melhor rendimento e nível educacional dos migrantes ocorre principalmente em microrregiões como Fluminense do Grande Rio, Belo Horizonte, Vale do Paraíba Paulista e Vale do Paraíba Fluminense. No que se refere à população natural, constata-se que o melhor nível sócio-econômico é encontrado para aqueles dos espaços microrregionais como os do Rio de Janeiro e Grande São Paulo, que são os mais desenvolvidos não só em termos regionais como também nacionais (vide tabelas 2 e 3). Cabe aí destacar as conclusões obtidas na análise do município do Rio de Janeiro em trabalho, acima citado, que esclarece o posicionamento destes conjuntos de população migrante e natural. É citado que “no caso do Rio de Janeiro, causa interesse o encontrado. Este é o município de mais alto grau de desenvolvimento da região metropolitana; aí os não migrantes aparecem melhor posicionados em uma análise intermunicipal, sendo que a situação econômica dos migrantes é bastante díspar, estando em situação bem inferior ao contingente não migrante no município e em relação aos migrantes situados em outros municípios”. Reforçando o que já foi anteriormente dito sobre a associação entre a situação sócio-econômica do migrante e o nível de desenvolvimento da região é acrescentado que: “haveria que refletir, através de outras análises, sobre a especificidade deste município, o grau de concentração de riquezas aí existente e, possivelmente, uma estrutura econômica mais estratificada, menos aberta ao migrante, na competição pelo mercado de trabalho” (4).

Observando-se a população migrante, verifica-se que, em termos de rendimento, são os com 11 anos e mais de residência que apresentam maior participação, indicando melhor posicionamento, principalmente nas microrregiões de maior intensidade migratória deste grupo, ou seja, de maior volume migratório, nas quais denota-se também melhor nível educacional para os migrantes antigos que são as da Grande São Paulo, Rio de Janeiro, Fluminense do Grande Rio e Belo Horizonte. Daí pode-se vincular a melhor situação sócio-econômica dos migrantes de 11 anos e mais a “uma retenção seletiva dos elementos mais capacitados ou de uma expulsão dos migrantes menos preparados para competirem no mercado de trabalho urbano” (7).

Por outro lado, onde se verifica menor intensidade migratória, são os migrantes com até 10 anos de residência que apresentam maior expressividade que os antigos quando se faz referência ao aspecto educacional. As microrregiões se caracterizam por serem prolongamentos dos eixos urbano-industriais da Grande São Paulo e do Rio de Janeiro, a saber: Campinas, Baixada Santista, Vale do Paraíba Paulista, Sorocaba, Jundiaí, Vale do Paraíba Fluminense e Serrana Fluminense.

3.2. Estrutura Mista ou Agroubana

Em termos gerais, observa-se, também, na área de estrutura mista semelhança de comportamento da população migrante e natural nos dois extremos níveis sócio-econômicos analisados. Considerando a população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00, constata-se que são

os naturais que se encontram em pior posicionamento em relação à população migrante, analisada como um todo. Deste conjunto de população, são os migrantes com até 10 anos de residência que estão em situação mais desfavorável em decorrência de sua maior proporção neste nível sócio-econômico mais baixo. No tocante à população com superior completo e com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais, os migrantes têm maior participação do que a população natural, indicando melhor posicionamento. Quando se especifica o tempo de residência, em geral, são aqueles mais antigos que se acham melhor situados quanto ao nível sócio-econômico mais elevado.

Analisando-se em maior detalhe, observa-se que na maior parte das microrregiões de estrutura mista os migrantes apresentam-se mais bem posicionados do que os naturais quanto ao nível sócio-econômico, considerando a sua menor participação quanto à população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00 (vide tabelas 2 e 3). Pode-se observar que os naturais estão em posição mais desfavorável, verificando-se tal situação nos seguintes espaços microrregionais: Espinhaço Meridional, Juiz de Fora, Divinópolis, Siderúrgica, Uberaba e Açucareira de Piracicaba, onde mais de 60% dos naturais constituem-se de população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00. Sendo assim, verifica-se que este posicionamento desfavorável dos naturais ocorre principalmente para aqueles das microrregiões pertencentes ao Estado de Minas Gerais, que apresentam valores superiores quando comparados aos do Estado de São Paulo. Esta constatação vem comprovar a importância de uma classificação de áreas, analisando-se, principalmente, a estrutura de produção a fim de se relativizar as conotações de "migrante" e "natural" que irão diferir muito em função das características das subregiões analisadas (8).

Comparando-se os migrantes, são os com até 10 anos de residência que estão em situação inferior aos de 11 anos e mais de residência, visto, de um modo geral, a sua maior proporção de população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00. Tal fato se verifica sobretudo onde há maior intensidade migratória neste grupo, destacando-se, principalmente em São Paulo, as microrregiões de Planalto de Franca, Depressão Periférica Setentrional e, em Minas Gerais, a de Siderúrgica.

No estudo da população com superior completo e renda de Cr\$ 1.001,00 e mais, observa-se que os migrantes se encontram em melhor situação do que os naturais em função de sua maior participação nos níveis acima considerados. Este comportamento verifica-se principalmente onde é maior a intensidade migratória deste grupo: Ribeirão Preto, Siderúrgica, Juiz de Fora, São José do Rio Preto e Depressão Periférica Setentrional. Em algumas microrregiões de menor intensidade migratória ocorre a inversão deste posicionamento, estando os naturais melhor situados quanto ao nível sócio-econômico. É o caso de Uberaba, considerando a renda e a educação, e de Açucareira de Piracicaba e Espinhaço Meridional, quanto ao nível de rendimento.

No que se refere aos migrantes, são os com 11 anos e mais que, de certa forma, participam mais do que os com até 10 anos de residência na classe de renda de Cr\$ 1.001,00 e mais e no nível superior de instrução, o que revela melhor posicionamento dos migrantes mais antigos. Estes migrantes apresentam maior expressividade do que aqueles com até 10 anos de residência, principalmente em importantes centros regionais e locais como: Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Juiz de Fora e Uberaba.

Por outro lado, encontram-se microrregiões onde os migrantes com até 10 anos têm participação mais significativa, estando, deste modo,

melhor posicionados. Como exemplo podem ser citadas as de Siderúrgica, onde os migrantes com até 10 anos participam com 76,0% e 53,1%, respectivamente, da população com curso superior e rendimentos acima de Cr\$ 1.001,00, da Depressão Periférica Setentrional e Espinhaço Meridional, esta última, sobretudo, com menor expressividade.

3.3. Estrutura Agrícola

No grupo de estrutura agrícola ocorre, de certa forma, tendências similares de posicionamento das populações migrante e natural quanto aos níveis sócio-econômicos considerados como observados também nas estruturas urbana e mista. Deste modo, quando se examina, em uma visão geral, a população analfabeta e com renda de até Cr\$ 200,00, observa-se que os naturais estão pior posicionados do que os migrantes. Há ligeiro predomínio dos migrantes com até 10 anos em relação aos de 11 anos e mais de residência, indicando, assim, uma posição desfavorável dos primeiros. No que se refere a análise da população dos estratos de renda e de educação mais elevados, ressalta-se a maior participação dos migrantes quando comparados aos naturais. Por outro lado, ao se examinar o comportamento da população migrante, verifica-se a ocorrência de situações distintas: no caso da renda, destaca-se a maior proporção dos migrantes antigos e no que se refere a educação, predominam os migrantes com até 10 anos de residência.

Em uma análise mais pormenorizada da população analfabeta e daquela com renda de até Cr\$ 200,00, constata-se que os naturais estão pior posicionados do que os migrantes na maior parte das microrregiões, principalmente nas de menor estoque de migrantes deste grupo de área agrícola (vide tabelas 2 e 3). Tal fato mostra-se evidente onde os naturais representam mais de 70% do total de pessoas com renda de até Cr\$ 200,00 e também da população analfabeta. Podem, assim, ser citadas como exemplo: Furnas, Planalto Mineiro, Montes Claros, Mata de Caratinga, Campos da Mantiqueira, Bacia do Manhuaçu, Alta Mantiqueira, Mojiana Mineira e Mata de Ponte Nova, em Minas Gerais; Cachoeiro do Itapemirim no Espírito Santo e Campos de Itapetininga e Bragança Paulista em São Paulo.

Por outro lado, observa-se, principalmente nas microrregiões de maior estoque absoluto de migrantes deste grupo, uma inversão de posicionamento, estando os migrantes pior posicionados do que os naturais. Este fato é constatado sobretudo naquelas situadas no oeste de São Paulo, tais como Alta Sorocabana de Presidente Prudente, Alta Noroeste de Araçatuba, Nova Alta Paulista, Alta Araraquarense de Fernandópolis, Alta Paulista e Alta Araraquarense de Votuporanga e também na de Alto São Mateus, esta última somente quando se considera o nível de rendimento.

Analisando o comportamento sócio-econômico dos migrantes verifica-se que, de um modo geral, em microrregiões de maior intensidade migratória deste grupo, são encontradas maiores percentagens de população analfabeta e com renda baixa entre os migrantes com até 10 anos do que entre os mais antigos. São os espaços microrregionais de Alta Sorocabana de Presidente Prudente e Alta Araraquarense de Fernandópolis, no extremo oeste de São Paulo, e o de Baixada Espírito-santense, no leste do Espírito Santo, onde os migrantes com até 10 anos situam-se em pior posicionamento em função de diferenças significativas existentes entre os migrantes.

Quando se considera as microrregiões de menor intensidade migratória deste grupo, observa-se melhor posicionamento ora dos migrantes

com até 10 anos ora dos com 11 anos e mais de residência. Examinando-se as proporções de migrantes na população analfabeta e naquela com renda de até Cr\$ 200,00, constata-se que as diferenças entre as mesmas são mais significativas em: Chapadões do Paracatu, Alta Araraquarense de Votuporanga, Pontal do Triângulo Mineiro, Alto São Mateus e Bragança Paulista — as duas últimas somente quanto ao nível educacional — onde são os migrantes com até 10 anos os que apresentam valores mais expressivos, indicando sua situação desfavorável neste aspecto. Nas microrregiões da Média Araraquarense, Bacia do Manhuaçu e Pastoril de Nanuque, esta última somente quanto ao nível de rendimento, os migrantes com 11 anos e mais de residência possuem percentagens mais elevadas do que os com até 10 anos, o que significa estarem os primeiros em posição sócio-econômica mais desvantajosa.

No estudo da população com superior completo e com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais, observa-se, de forma marcante, a maior participação de migrantes do que naturais, independentemente do volume migratório da área analisada. Este fato pode ser destacado em microrregiões do oeste de São Paulo como Alta Sorocabana de Presidente Prudente, Alta Noroeste de Araçatuba, Nova Alta Paulista, Alta Araraquarense de Fernandópolis e Alta Araraquarense de Votuporanga; nas do nordeste de Minas Gerais como Governador Valadares e Pastoril de Nanuque e na do Alto São Mateus, esta no Espírito Santo.

Por outro lado, destacam-se, entre os migrantes, situações sócio-econômicas diferenciadas quando se considera este nível sócio-econômico mais elevado. No caso da estrutura educacional, são os migrantes com até 10 anos que se encontram melhor situados em função da sua maior participação no curso superior (vide tabela 2). No entanto, ao se considerar o nível de rendimento, observa-se a predominância dos migrantes com 11 anos e mais de residência, indicando, assim, uma posição mais favorável dos mesmos na classe de renda de Cr\$ 1.001,00 e mais (tabela 3). Pode-se observar, deste modo, que os migrantes mais antigos conseguem alcançar, na área agrícola, níveis mais elevados de rendimento, podendo este fato estar relacionado ao maior tempo de residência. Mas quando se examina a estrutura educacional, são os migrantes com até 10 anos de residência que obtêm níveis superiores vinculados talvez à possibilidade de estar ocorrendo uma migração mais qualificada para esta área agrícola, no período analisado, do que a verificada há mais de 11 anos.

É necessário ressaltar as áreas onde existem diferenças significativas entre os migrantes, sendo que a análise se realizará de forma compartimentada, visto que ocorrem posicionamentos distintos dos migrantes, em termos de rendimento e de educação.

Examinando a estrutura de rendimento, distinguem-se áreas que apresentam maior concentração de migrantes antigos na população com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais. Como exemplo podem ser citadas as microrregiões do oeste de São Paulo, a saber: Alta Sorocabana de Presidente Prudente, Nova Alta Paulista, Alta Paulista, Alta Sorocabana de Assis, Média Araraquarense, Alta Araraquarense de Votuporanga e Alta Noroeste de Penápolis; as do leste de Minas Gerais como Pastoril de Nanuque e Bacia do Manhuaçu e a de Colatina no oeste do Espírito Santo.

Quanto à estrutura educacional, na área de estrutura agrícola os migrantes com até 10 anos possuem maior participação, sendo esta mais expressiva nas seguintes microrregiões: do oeste de São Paulo, as de Alta Noroeste de Araçatuba, Nova Alta Paulista e Alta Araraqua-

rense de Fernandópolis; do sudeste do mesmo estado as de Ourinhos, Serra de Botucatu e Campos de Itapetininga; as de Chapadões do Paracatu e Pontal do Triângulo Mineiro localizadas, respectivamente, no nordeste e no oeste de Minas Gerais, e do norte do Espírito Santo as de Alto São Mateus, Colatina e Baixada Espírito-santense.

3.5. Considerações Finais

Em síntese, observa-se que na área de estrutura urbana, quando se analisa o nível sócio-econômico mais baixo, os migrantes estão em posição mais desfavorável do que os naturais, principalmente nas áreas de maior desenvolvimento econômico do Sudeste. Desses migrantes são os com até 10 anos que apresentam maior participação neste estrato inferior analisado. Considerando-se a população com curso superior completo e aquela com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais, os migrantes situam-se em melhor posição do que os naturais. São os migrantes mais antigos aqueles de participação mais expressiva nesse nível de rendimento, principalmente os que se encontram nas microrregiões de maior intensidade migratória deste grupo. No que se refere ao nível educacional, ocorre maior participação dos migrantes com até 10 anos de residência, sobretudo onde é menor a intensidade migratória.

Na área de estrutura mista, quando se analisa a população analfabeta e aquela com renda de até Cr\$ 200,00, verifica-se que os naturais estão pior posicionados do que os migrantes, principalmente nas microrregiões de Minas Gerais. Dos migrantes são os com até 10 anos de residência que se encontram em posição mais desfavorável, sobretudo onde se observa maior intensidade migratória. Quando se transfere a análise para a população com curso superior de instrução e aquela com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais, destaca-se um melhor posicionamento dos migrantes, especialmente onde se encontra maior intensidade migratória neste grupo. Os migrantes mais antigos apresentam melhor posicionamento sobretudo em centros regionais.

Na área de estrutura agrícola, ao se considerar o nível sócio-econômico inferior, constata-se que os naturais acham-se em situação mais desfavorável do que os migrantes, principalmente nos espaços microrregionais de menor estoque migratório. Ocorre uma inversão de posicionamento nas microrregiões de maior intensidade migratória deste grupo, estando, assim, os migrantes em pior posicionamento quando relacionados aos naturais. Dentre os migrantes, são os com até 10 anos de residência que se encontram em uma situação ligeiramente mais desfavorável, sobretudo onde é maior a intensidade migratória. Quanto ao estrato considerado como sendo o superior neste estudo, verifica-se que há melhor posicionamento dos migrantes em relação aos naturais, especialmente em áreas do oeste de São Paulo e em outras de menor intensidade migratória deste grupo. Ao se analisar a população migrante, observa-se que no caso da renda predominam os migrantes antigos, enquanto que, na estrutura educacional, são os com até 10 anos de residência que aí se destacam de modo mais expressivo.

4. CONCLUSÕES

De maneira geral, comprova-se o ponto de partida básico para esse estudo, ou seja, que seriam constatadas significativas diferenças na comparação da situação sócio-econômica de migrantes e naturais

nas microrregiões de mesma estrutura e de estrutura econômica diferentes. Tal fato não ficou tão evidente quando da análise interestruturas; contudo, em ambos os casos, observou-se diferenciações na análise da intensidade migratória.

Verifica-se, em síntese, que a área de estrutura urbana detém as maiores intensidades migratórias. Considerando o estoque de migrantes na Região Sudeste em 1970, somente as 12 microrregiões desta estrutura detêm 63,8% deste estoque. Neste grupo encontram-se os principais centros de expressão regional e até mesmo nacional, justificando, assim, a sua grande atratividade. A grosso modo, poderia se dizer que são microrregiões de atração antiga, mas que permanecem estáveis quanto ao seu poder de atração, com exceção de Vitória que efetivamente apresenta atração recente e o Rio de Janeiro que, ao contrário, demonstra perda de atratividade.

Quanto ao posicionamento da população migrante e natural, quando se considera o estrato sócio-econômico inferior (população anal-fabeta e com renda de até Cr\$ 200,00), verifica-se que nas microrregiões de mais forte atração migratória (Grande São Paulo, Rio de Janeiro, Fluminense do Grande Rio, Belo Horizonte, Campinas, Baixada Santista) os naturais se encontram melhor situados que os migrantes.

É importante salientar que somente essas microrregiões acima citadas possuem 90,0% do total de migrantes residentes em áreas de estrutura urbana e 57,0% do estoque regional.

Cabe ressaltar que esses espaços concentram os ramos industriais mais desenvolvidos tanto técnica como economicamente, bem como uma ampla gama de atividades terciárias, tais como a atividade comercial, financeira, entre outras. Por assim se apresentarem, em tese, deveriam proporcionar maiores e melhores oportunidades ou pelo menos corresponder às expectativas dos migrantes que para elas se dirigem, atraídos pela possibilidade de melhores salários, melhores níveis de vida, etc. Contudo, verifica-se a não existência de uma relação causal entre o que supostamente poderia representar uma melhoria para o migrante, ao se deslocar para esses grandes centros, com o que efetivamente esses centros podem proporcionar. Via de regra, essa massa não qualificada aumenta a oferta de mão-de-obra no mercado de trabalho, expande a classe operária, reduz o poder de barganha da classe, com repercussões sobre sua remuneração e condições de trabalho (13).

Nas demais microrregiões de estrutura urbana constata-se numa inversão de comportamento, ou seja, os migrantes encontram-se mais bem posicionados do que os naturais.

Quando da análise do contingente migratório regulado a coorte de residência, observa-se que os de 11 anos e mais apresentam menores percentuais neste estrato de rendimento e de educação, o que é um indicador, ainda que grosseiro, de sua superioridade perante os migrantes de até 10 anos de residência.

No estrato sócio-econômico mais elevado (população com curso superior completo e renda de Cr\$ 1.001,00 e mais) não existem situações particulares entre microrregiões, tendo em vista o melhor posicionamento dos migrantes, o que mais uma vez relativiza a condição migratória, em si, identificadora de situação (5).

Analisando apenas o contingente migratório, observa-se que, nas microrregiões de maior intensidade deste grupo, os de 11 anos e mais apresentam maiores proporções no tocante à classe mais elevada de renda. Quando se analisa a educação neste nível sócio-econômico (população com superior completo), os migrantes com menor tempo de resi-

dência apresentam maior expressividade, principalmente nas microrregiões de menor atração migratória de estrutura urbana.

O comportamento das microrregiões de estrutura mista, conforme foi visto no decorrer do trabalho, apresenta-se bastante diversificado. Algumas microrregiões apresentam tendência maior ao desenvolvimento industrial, outras destacam-se no setor primário frequentemente associado ao processo de transformação industrial ou às atividades terciárias.

Nesse agrupamento, composto de 10 microrregiões, residiam, em 1970, apenas 6% do total de migrantes no Sudeste. Em linhas gerais, verifica-se, por um lado, que o grupo apresenta microrregiões com estoques superiores a 100.000 migrantes (Ribeirão Preto, Siderúrgica, Juiz de Fora, São José do Rio Preto) que correspondem àquelas que apresentam atratividade mais antiga, com exceção de Siderúrgica, que apresenta atratividade recente. Por outro, observam-se microrregiões que apresentam estoques que variam entre 45.000 e 84.000, sendo aí encontradas algumas com um processo recente de atração migratória (como é o caso do Planalto de Franca e Depressão Periférica Setentrional).

Os migrantes encontram-se em melhor situação que os naturais, quando se analisa o estrato inferior, exceto em Planalto de Franca e São José do Rio Preto em que existe situação inversa.

No estrato superior, que corresponde àquele em que a população possui rendimentos superiores a Cr\$ 1.001,00 e mais e população com superior completo, os migrantes acham-se, em geral, melhor posicionados, principalmente em microrregiões de maior intensidade migratória.

Dos migrantes, os com 11 anos e mais de residência encontram-se em situação mais favorável nos dois estratos analisados, principalmente no estudo da população de nível sócio-econômico mais elevado. Tal fato ocorre principalmente em centros regionais e locais importantes, tais como Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Juiz de Fora e Uberaba.

Na área de estrutura agrícola encontra-se o maior número de microrregiões, contudo com apenas 21,7% do estoque de migrantes regionais. As maiores intensidades migratórias geralmente são verificadas em microrregiões de atratividade antiga, a exemplo de Colatina, Nova Alta Paulista, Alta Paulista, etc. Aparecem como áreas de atração recente as microrregiões de Chapadões do Paracatu e Pontal do Triângulo Mineiro, mas apresentando um estoque inferior a 60.000 migrantes.

Verifica-se que os migrantes se encontram em situação mais satisfatória quando comparados aos naturais. Em uma análise do estrato sócio-econômico mais baixo, constata-se o comportamento acima citado, principalmente em microrregiões de menor estoque migratório do grupo, como no caso da Média Araraquarense, Alta Noroeste de Penápolis e Alta Araraquarense de Votuporanga. Em microrregiões de maior intensidade migratória deste grupo ocorre uma inversão de comportamento, estando os migrantes pior posicionados quando comparados aos naturais. Tal fato acontece principalmente em microrregiões do oeste paulista.

Dentre os migrantes, aqueles com até 10 anos de residência se encontram em situação desfavorável, principalmente onde é maior a intensidade migratória.

Por outro lado, quando se considera a população que aufere rendimentos de Cr\$ 1.001,00 e mais e possui curso superior completo, verifica-se também um melhor posicionamento de migrantes em relação aos naturais. Tal fato vai apresentar maior significância, principalmente em microrregiões do oeste de São Paulo.

Quando se analisa o contingente migratório depreende-se heterogeneidades de comportamento quanto ao seu posicionamento no estrato sócio-econômico mais elevado.

Em síntese, observa-se que, independentemente do tipo de estrutura de atividade da área analisada, há melhor posicionamento de migrantes em relação aos naturais. Tal fato somente deixa de ocorrer na área de estrutura urbana no estrato sócio-econômico correspondente à população que auferir rendimentos de até Cr\$ 200,00 e é analfabeta, onde os naturais se apresentam melhor posicionados em relação aos migrantes. Cabe ressaltar aqui a importância desta constatação, uma vez que as áreas urbanas, como já foi dito anteriormente, são responsáveis por 63,8% do estoque de migrantes da Região, correspondendo às áreas mais desenvolvidas e com maior poder de atração. Esta situação pode indicar, em termos de posicionamento dos migrantes, maior dificuldade encontrada por estes quanto ao seu desempenho sócio-econômico. Comprova-se, de certa forma, este indício, já que são os naturais os que se encontram melhor posicionados e entre os migrantes aqueles que possuem um maior tempo de residência. São estes migrantes os que apresentam melhor posicionamento, o que nos leva a supor, reafirmado em estudos feitos por outros autores (7), que os desequilíbrios entre populações migrante e natural sejam atenuados à medida que os migrantes permaneçam mais tempo no local de "destino". Tal fato pode demonstrar não uma melhoria destes migrantes em função de maior tempo de residência, mas sim maior qualificação dos que permaneceram nas áreas estudadas.

5. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

5.1. Unidades de Análise

Considera-se dois níveis de análise, a saber:

5.1.1. Unidades de Análise Individual Migrante e natural.

Migrante — Segundo a definição do Censo Demográfico de 1970, migrante é toda a pessoa que, à data do Censo, residisse fora do município de nascimento.

Segundo o Censo de 1970, torna-se possível conceituar o migrante sob 2 formas distintas:

- a) segundo o conceito de lugar de nascimento, considera-se o lugar de nascimento e a residência à data do Censo;
- b) segundo o conceito de residência anterior, leva-se em conta o último deslocamento realizado, ou seja, confronta-se a residência à data do Censo com a imediatamente anterior, sem referir-se ao lugar de nascimento.

Natural — O natural é definido como "aquele que é registrado censitariamente no seu local de nascimento" (10).

5.1.2. Unidade de Análise Espacial

Estados e microrregiões homogêneas da Região Sudeste.

5.2. Variáveis Utilizadas na Pesquisa

5.2.1. Condição Migratória

- migrante segundo o tempo de residência: até 2 anos (migrante recente), 2 a 4, 5-10 e 11 anos e mais (migrante antigo).

No capítulo II, referente à “Relação entre as características econômicas das áreas e as migrações”, utilizou-se os tempos de residência de até 2 anos e de 11 anos e mais para determinar a tendência temporal da migração.

- migrante com até 10 anos de residência: obtida através do somatório dos seguintes tempos de residência: até 2 anos, 2 e 4 e 5 a 10 anos. Esta variável é utilizada no capítulo “Níveis de renda e educação de migrantes e naturais”, em análise comparativa com os migrantes antigos.

- migrante total: compreende a população migrante, independentemente de seu tempo de residência no local em que foi recenseado.

5.2.2. Atividade Econômica

- população ocupada no setor primário: compreende a população ocupada na agricultura, pecuária, silvicultura, extração vegetal, caça e pesca.

- população ocupada no setor secundário se refere àquela engajada na indústria e na construção civil.

- população ocupada no setor terciário, leva em consideração aqueles empregados em serviços de produção, serviços de consumo coletivo e serviços de consumo individual.

No presente estudo a análise se realiza a um nível global, considerando-se os setores de atividades como um todo.

5.2.3. Nível de Renda

- população com renda de até Cr\$ 200,00, considerada como uma aproximação do salário mínimo vigente em 1970.

- população com renda de Cr\$ 1.001,00 e mais.

5.2.4. Nível de Educação

- população analfabeta: considera-se como analfabetas aquelas pessoas de 5 anos e mais de idade que não sabem ler e escrever.

- população com curso superior completo: leva-se em conta a população de 17 anos e mais de idade que apresenta o curso superior completo.

5.3. Dados

Utilizam-se tabulações especiais do Censo Demográfico de 1970.

5.4. Organização do Trabalho

Inicialmente é realizada uma tipologia de áreas baseada na atividade econômica da população total nas 111 microrregiões do Sudeste. Para tal utiliza-se como técnica o diagrama triangular (ver anexo 1). Nessa etapa há a preocupação de se observar o comportamento individualizado dos espaços na Região, sob o ponto de vista das atividades econômicas em que a população está inserida. Deve ser alertado o fato de que nesta classificação estão contabilizados os migrantes e naturais da PEA total de cada microrregião. Sendo assim, o tipo de área encontrado pode estar afetado pela maior proporção de uma ou outra população. Para amenizar o efeito introduzido neste procedimento foram calculados os percentuais referentes a cada estrato populacional e a curto prazo são mencionados na análise. São encontrados três grupos de área de estrutura econômica diferenciadas: área de estrutura urbana, mista e agrícola (anexo 2).

Verificando que algumas microrregiões apresentam estoques de migrantes inexpressivos, decide-se realizar uma seleção daquelas que obtém um montante de mais de 40.000 migrantes, visto que correspondia ao valor médio da distribuição. A base referencial para o desenvolvimento do trabalho passa a ser não mais um grupo de 111 e sim de 59 microrregiões, pertencentes as três grandes áreas encontradas na tipologia, que satisfazem a condição do volume migratório fixado (ver anexo 2 — listagem de microrregiões com asterisco e diagrama triangular referente à tipologia de áreas).

6. ANEXOS

Anexo 1. Técnica Utilizada Para a Elaboração da Tipologia de Áreas

Visando à obtenção de uma tipologia de áreas, utilizou-se como principal técnica o diagrama triangular (11A). A técnica se baseia na localização pontual das microrregiões. Esse posicionamento é dado através do percentual por elas, em cada uma das variáveis utilizadas que, no caso, seriam: percentual de população ocupada no setor primário; percentual de população ocupada no setor secundário; e percentual de população ocupada no setor terciário.

Para facilitar a compreensão da técnica, segue um exemplo de sua aplicação.

Tomemos como exemplo a microrregião x que apresenta as seguintes características:

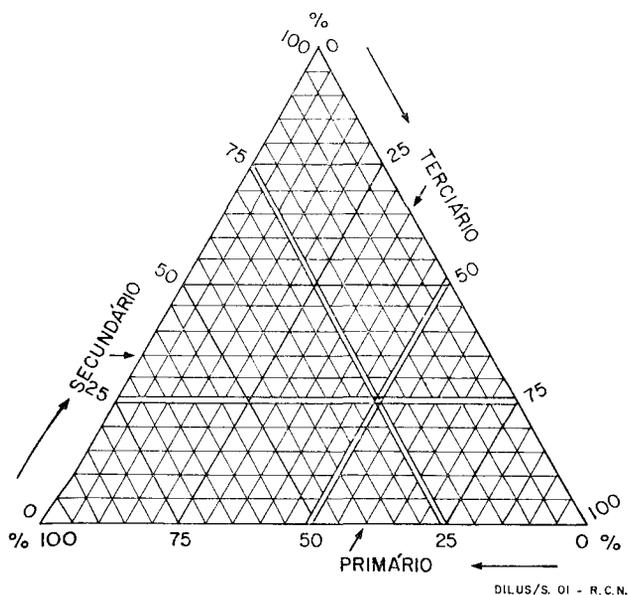
% de população ocupada no setor primário: 10%;

% de população ocupada no setor secundário: 30%;

% de população ocupada no setor terciário: 60%.

Identificando em cada eixo o encontro desses percentuais, tem-se então a localização pontual da microrregião (ponto 1).

Para a definição da área que então irá caracterizá-la, emprega-se o mesmo procedimento com as médias regionais em cada setor, encon-



trando-se, assim, o ponto 2 no diagrama. Essas médias no exemplo foram:

- 26% de população ocupada no setor primário;
- 26% de população ocupada no setor secundário;
- 48% de população ocupada no setor terciário.

Prolongando-se os eixos ficam então definidas áreas. Observa-se que essa microrregião, exemplificada acima, teria como característica sua inclusão na área de estrutura urbana, uma vez que se localiza abaixo da média regional do setor primário.

Anexo 2. Tipologia de Áreas ⁶

1. Listagem de microrregiões

A — ESTRUTURA URBANA — microrregiões com percentagens abaixo da média do setor primário:

- * 26 — Belo Horizonte
- * 61 — Vale do Paraíba Fluminense
- * 62 — Serrana Fluminense
- * 65 — Fluminense do Grande Rio
- * 103 — Vale do Paraíba Paulista
- * 106 — Grande São Paulo
- * 92 — Campinas
- * 100 — Sorocaba
- * 101 — Jundiaí
- 111 — Costa Norte Paulista
- * 51 — Vitória
- * 68 — Rio de Janeiro
- * 110 — Baixada Santista

⁶ As microrregiões com asterisco apresentam um estoque de mais de 40.000 migrantes e por isso foram selecionadas para a análise.

B — ESTRUTURA MISTA — microrregiões com percentagens acima da média regional, ora do setor primário e secundário ora do primário e terciário:

- * 22 — Uberaba
- * 44 — Juiz de Fora
- * 78 — São José do Rio Preto
- * 81 — Ribeirão Preto
- 91 — Rio Claro
- * 27 — Siderúrgica
- * 30 — Divinópolis
- * 31 — Espinhaço Meridional
- 59 — Três Rios
- 63 — Vassouras e Barra do Piraí
- 66 — Cabo Frio
- * 74 — Planalto de Franca
- * 87 — Depressão Periférica Setentrional
- 93 — Estâncias Hidrominerais Paulistas
- * 98 — Açucareira de Piracicaba

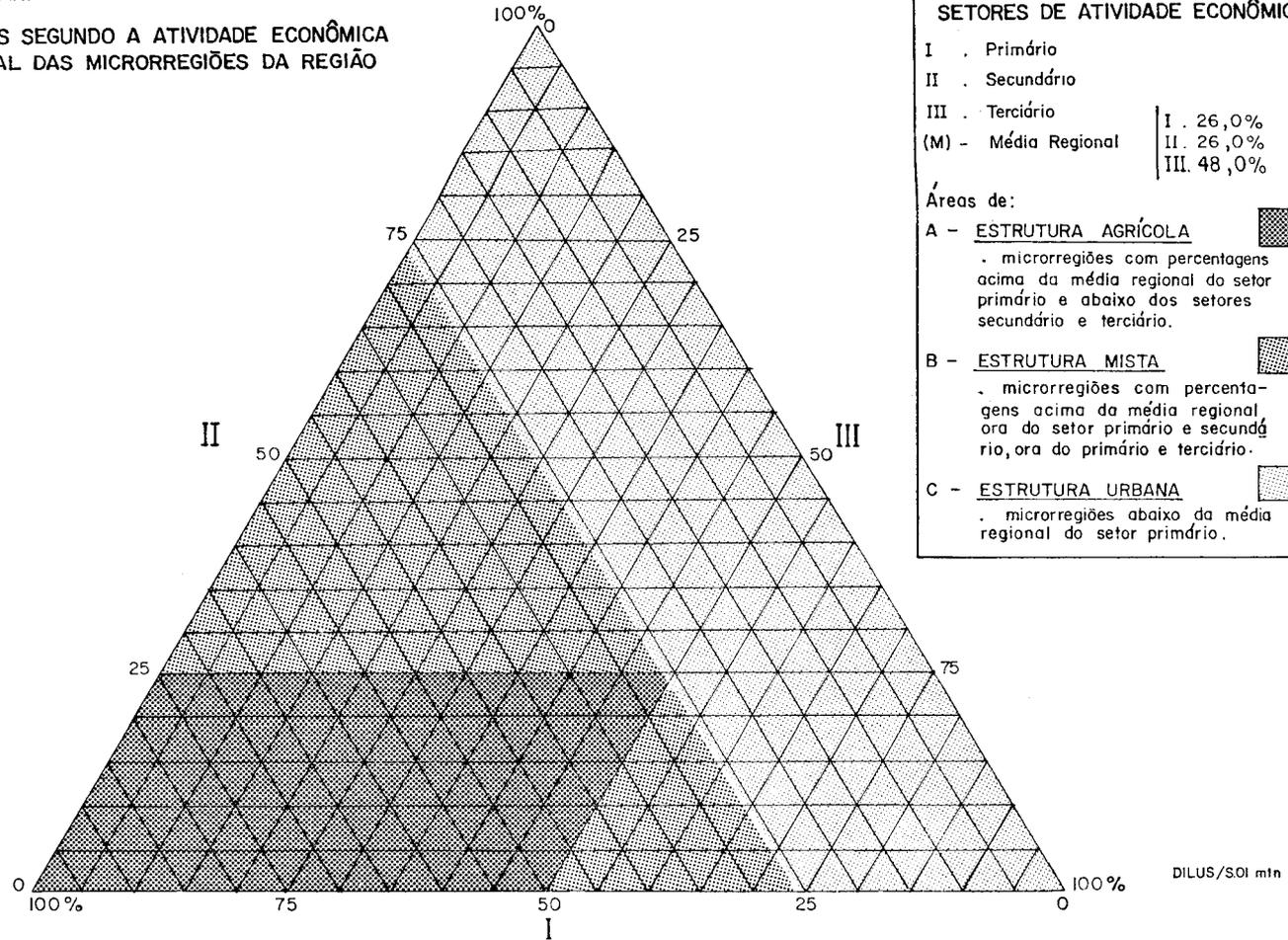
C — ESTRUTURA AGRÍCOLA — microrregiões com percentagens acima da média regional do setor primário e abaixo dos setores secundários e terciários:

- 1 — São Franciscana de Januária
- 2 — Serra Geral de Minas
- 3 — Alto Rio Pardo
- * 4 — Chapadões do Paracatu
- 5 — Alto Médio São Francisco
- * 6 — Montes Claros
- 7 — Mineradora do Alto Jequitinhonha
- 8 — Pastoril de Pedra Azul
- 9 — Pastoril de Almenara
- 10 — Médio Rio das Velhas
- 11 — Mineradora de Diamantina
- 12 — Teófilo Otôni
- * 13 — Pastoril de Nanuque
- 15 — Alto Paranaíba
- 16 — Mata da Corda
- 17 — Três Marias
- 18 — Bacia do Suaçuí
- 20 — Mantena
- * 21 — Pontal do Triângulo Mineiro
- 24 — Alto São Francisco
- * 28 — Mata de Caratinga
- * 29 — Bacia do Manhuaçu
- * 32 — Mata de Ponte Nova
- 33 — Vertente Ocidental do Caparaó
- * 34 — Furnas
- 35 — Formiga
- 36 — Mata de Viçosa
- 37 — Mata de Muriaé
- * 38 — Mojiana Mineira
- 40 — Mata de Ubá
- * 42 — Planalto Mineiro
- 43 — Alto Rio Grande
- * 46 — Alta Mantiqueira
- * 47 — Alto São Mateus
- * 48 — Colatina

- * 49 — Baixada Espírito-santense
- 50 — Colonial Serrana Espírito-santense
- 52 — Vertente Oriental do Caparaó
- 54 — Litoral Sul Espírito-santense
- 55 — Itaperuna
- 56 — Miracema
- 58 — Cantagalo
- 60 — Cordeiro
- 64 — Bacia do São João e Macacu
- * 69 — Alta Araraquarense de Fernandópolis
- * 70 — Alta Araraquarense de Votuporanga
- 71 — Divisor Turvo-Grande
- * 73 — Alta Mojiana
- 76 — Médio São José dos Dourados
- 77 — Divisor São José dos Dourados—Tietê
- * 79 — Média Araraquarense
- * 80 — Serra de Jaboticabal
- 82 — Serra de Batatais
- * 83 — Nova Alta Paulista
- * 95 — Alta Sorocabana de Assis
- * 96 — Ourinhos
- * 104 — Campos de Itapetininga
- 105 — Paranapiacaba
- 107 — Alto Paraíba
- 108 — Apiaí
- 109 — Baixada do Ribeira
- 23 — Planalto de Araxá
- 25 — Calcários de Sete Lagoas
- * 39 — Campos da Mantiqueira
- 41 — Planalto de Poços de Caldas
- 45 — Mata de Cataguases
- 67 — Baía da Ilha Grande
- * 75 — Alta Noroeste de Araçatuba
- * 84 — Alta Noroeste de Penápolis
- * 86 — Araraquara
- * 88 — Encosta Ocidental da Mantiqueira Paulista
- * 90 — Jaú
- 99 — Tatuí
- * 102 — Bragança Paulista
- * 14 — Uberlândia
- * 19 — Governador Valadares
- * 53 — Cachoeiro do Itapemirim
- 57 — Açucareira de Campos
- 72 — Barretos
- * 85 — Bauru
- * 89 — Alta Paulista
- * 94 — Alta Sorocabana de Presidente Prudente
- * 97 — Serra de Botucatu

DIAGRAMA TRIANGULAR:

TIPOLOGIA DE ÁREAS SEGUNDO A ATIVIDADE ECONÔMICA
DA POPULAÇÃO TOTAL DAS MICRORREGIÕES DA REGIÃO
SUDESTE - 1970



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — BRASIL — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — *Censo Demográfico*, Região Sudeste, Rio de Janeiro, 1970.
- 2 — ———— *Divisão do Brasil em Microrregiões Homogêneas*, 1968, Rio de Janeiro, 1970.
- 3 — ———— *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico*, Estados da Região Sudeste, Rio de Janeiro, 1970.
- 4 — CASTRO, Mary Garcia, CAVALCANTI, Zuleica Lopes e SIMÕES, Celso Cardoso da Silva — “A Análise de Algumas Características dos Migrantes na Região Metropolitana do Rio de Janeiro”, *Revista Brasileira de Estatística*, Ano 38, n.º 149, jan./mar., Rio de Janeiro, 1977.
- 5 — CASTRO, Mary Garcia, TUCCI NETO, Eugênio, DUAYER, Mário; FRAENKEL, Leda e GRABOIS, Gisela — *Mudanças na Composição do Emprego e na Distribuição da Renda: Efeitos sobre as Migrações Internas* — Ministério do Interior (SERFHAU/BNH) e OIT, Brasília, 1976.
- 6 — KELLER, Elza Coelho de Souza — *Geografia do Brasil*, capítulo População, vol. 3, Região Sudeste, IBGE, 1977.
- 7 — MARTINE, George — *Adaptação de Migrantes ou Sobrevivência dos Mais Fortes* — RT n.º 30, PNUD, BSP, 1976.
- 8 — ———— Impactos Sócio-Econômicos e Demográficos das Migrações Internas — Comentários in *Migrações Internas*, vol. 1. Anais do Simpósio sobre o Progresso da Pesquisa Demográfica no Brasil — Patrocinado pela Fundação FORD, Rio de Janeiro, 1977.
- 9 — MATA, Milton, CARVALHO, Eduardo Werneck Ribeiro de, CASTRO e SILVA, Maria Theresa — *Migrações Internas no Brasil: Aspectos Econômicos e Demográficos*, Relatório de Pesquisa IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1973.
- 10 — NACIONES UNIDAS — “Métodos de Medición de la Migración Interna”, *Manual VII*, ST/SOA, Série A/47, New York.
- 11 — PELIANO, José Carlos P. — *Migração e o Setor Informal Urbano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras* (versão preliminar) — CNRH/IPLAN/IPEA, abril, 1976, mimeo.
- 12 — SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Diagnóstico do Estado de São Paulo*. Coordenadoria de Ação Regional — março, 1973.
- 13 — SINGER, Paul — *Economia Política da Urbanização* — São Paulo, Editora Brasiliense, Edições CEBRAP, 1975.
- 6A — KELLER, Elza Coelho de Souza, *et alii* — Convênio Ministério do Interior e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1977.
- 11A — RIVISTA GEOGRAFICA ITALIANA — “I tipi economici delle province italiane in base alla composizione professionale della popolazione attiva” — Bruno Nice — Ed. la Nuova Italia — Firenze — Annata XLVIII, fasc. 1, Marzo, 1961, p. 55.

SUMMARY

The Southeast Region has been the focus of several studies in the field of internal migrations in Brazil. This interest lies in the fact that it is the region of the greatest migratory attraction in the country, as it has a very high socioeconomic level. Inherent to this fact, regional inequalities of development are pointed out, which are reflected in the structuration of its space, as well as in the composition and distribution of its population.

Broadly speaking, the space of the region is organized in accordance with the presence of two great national metropolises, Rio de Janeiro and São Paulo, that constitute a dynamic pole and command an area of high economic growth. Opposed to that, there is a less dynamic space which is chiefly represented by the State of Espírito Santo and nearly the totality of the State of Minas Gerais.

The presence of such a differentiation concerning the level of development indicates the degree of complexity of the region, which by itself justifies the return to the study of the migrations in the Southeast.

The purpose of this paper is to provide a diagnosis of the socioeconomic position of the migrant and native populations, by means of indicators such as the level of revenue and education, looking for possible advantages of one of these populational groups and taking as variable of control the period of time in which the migrants have been living in their place of destination.

The studies undertaken up to now treat the matter at various aggregation levels, as Census Regions, Metropolitan Regions and even homogeneous microregions; however, this last named region is selected only for those microregions which presented in 1970 an expressive quantity of migrant people.

This paper also initiates a new approach, in which the spatial differentiations are valued. It is believed that both the intensity of the migrations and the position of the analyzed populations are closely related to the production structure of the area. Thus, it is supposed that significant differentiations are observed when the socioeconomic position of the migrant and native populations are compared — inter-structures and even intra-structures — according with the stage of development presented by the component microregions.

However, it should be noted that, as it was used a former information file over migrations, the comparisons of the migrant people with the native people may be affected by the absence of variables of control as those of sex and age.

RÉSUMÉ

La Région Sud-est a été le foyer de plusieurs études dans le champ des migrations internes au Brésil. On attribue cet intérêt au fait qu'elle est la région où l'attraction migratoire est la plus grande du pays, à cause d'avoir un niveau socio-économique très élevé. Inhérent à ce fait, il y a des inégalités régionales de développement qui se reflètent dans la structuration de l'espace et aussi dans la composition et distribution de la population.

L'espace de la région est organisé, d'une manière générale, en fonction de la présence de deux grandes métropoles nationales, Rio de Janeiro et São Paulo, qui constituent un pôle dynamique et commandent une aire dont la croissance économique est trop grande. Par opposition, il y a un espace moins dynamique qui est surtout représenté par l'Etat d'Espírito Santo et presque la totalité de l'Etat de Minas Gerais.

La présence de telles différenciations par rapport au niveau du développement montre le degré de complexité de la région, et ainsi justifie la reprise de l'étude des migrations au Sud-est.

L'objectif de ce travail est de fournir un diagnostic du positionnement socio-économique des populations migrante et naturelle, au moyen d'indicateurs comme le niveau des revenus et de scolarité, et d'essayer de trouver des éventuelles avantages de chacun de ces groupes de la population, en ayant comme variable de contrôle le temps de résidence des migrants dans leur lieu de destination.

Les études réalisées jusqu'alors traitent du présent sujet en utilisant plusieurs niveaux d'aggrégation, comme Régions Censitaires, Régions Métropolitaines, et même microrégions homogènes; cependant, on procède à la sélection des microrégions qui en 1970 présentaient une expressive quantité de migrants.

Ce travail introduit aussi une autre perspective, où les différenciations spatiales sont valorisées. On croit que non seulement l'intensité des migrations mais aussi le positionnement des populations analysées sont intimement rapportées à la structure de production de l'aire. Ainsi, on peut supposer que des différences significatives soient observées quand on compare le positionnement socio-économique de la population migrante avec celle de la population naturelle — des inter-structures et même des intra-structures — selon le degré de développement présenté par les microrégions composantes.

Cependant, comme on a utilisé des archives d'information déjà existantes sur les migrations, il faut remarquer que les comparaisons entre migrants et naturels peuvent être affectées par l'absence de variables de contrôle comme sexe et âge.